

# ANOS 1990

Como neste momento o número de produções de teatro para a infância no Recife (com reverberação em outros municípios pernambucanos) cresceu consideravelmente, ainda que com períodos de crise de estreias, ficou impossível registrar todos os elencos e técnicos envolvidos, até mesmo pela diminuição paulatina dos espaços nos jornais, cada vez mais sucintos de dados sobre as montagens, ou ainda a ausência de programas dos espetáculos (virou luxo neste período de crise financeira). No entanto, foi desejo desta pesquisa citar cada produção estreada ano a ano, com prioridade para seus realizadores, sendo, sempre que possível, revelados os autores e diretores das peças, com alguns elencos (inclusive artistas substitutos).



A década de 1990, última do Século XX, é sinônimo de terror para o crescimento econômico no Brasil e, conseqüentemente, para a produção das artes cênicas. O confisco de poupanças pelo Governo Collor e a instabilidade financeira afastaram público e empresariado do teatro; os patrocínios se tornaram cada vez mais escassos e o desenvolvimento tecnológico favoreceu a permanência das pessoas em suas casas. Assim, a Internet foi conquistando mais espaço na vida de cada um e o aumento da violência nos grandes centros urbanos contribuiu ainda mais para a diminuição drástica das plateias. O teatro para crianças assistiu a tudo isso em queda vertiginosa de qualidade. Um grave problema desse tempo foi o aumento das sessões específicas a alunos de escolas particulares. Pais desobrigaram-se, então, a levar seus filhos ao teatro no final de semana e o mercado tornou-se cruel na disputa por venda de espe-

táculos, com alguns bem aquém da qualidade prometida.

Em plena Era Collor, sinônimo de crise profunda para todos os setores da economia, com reflexos traumáticos na área cultural, o início da década de 1990, curiosamente, não sofreu tantas baixas de produção no teatro para crianças – algo que se sentiu nos anos seguintes com a paulatina diminuição de público. Elencos grandes passaram a ser raridade e produtoras importantes, por não manterem mais diálogo com possíveis patrocinadores, estes temerosos com os desastrosos planos econômicos da ministra da Economia, Zélia Cardoso de Melo, chegaram ao fim. A Papagaios Produções Artísticas, por exemplo, foi uma que parou de trilhar bela trajetória iniciada em 1985 e com término em 1993. Outro problema foi a precária continuidade de apresentações por conta das disputas de pauta, cada vez mais acirradas, algo que jogou

um balde de água fria nos planos da Aquarius Produções Artísticas, que também vinha produzindo teatro para crianças desde 1979 e chegou ao fim em 1992.

Mesmo diante de um terreno tão sofrido economicamente, ainda apareceram produções de sucesso, se não com gordas bilheterias, mas com elogios rasgados da imprensa. Coletivos praticamente cooperativados cresceram no mercado; e diante de tempos tão cinzentos, o teatro foi lembrado como símbolo da resistência. Com a retração do público, cada estreia era comemorada pela coragem e esforço de seus realizadores, mas a crítica – que se mostrou cada vez mais feroz com a chegada de jornalistas novatos cobrindo as artes cênicas – não perdoou deslizes.

No seguimento adulto, o produtor Bóris Trindade, da Aquarius Produções Artísticas, o mais conhecido e dinâmico deles, não se arriscou em nenhuma nova realização. Mais ousados foram Paula de Renor, da Remo Produções Artísticas, com *Salto Alto* – um sucesso do período – e Cristiano Lins com *Se Colar, Collou*, pela Cristiano Lins Produções. Ainda que enfrentando tamanha crise financeira, não se pode dizer que o ano de 1990 não representou qualidade de produção teatral, com peças como *Em Nome do Desejo*, *Olinda Olanda Olindamente Linda*, *O Jardim das Cerejeiras*, *Seis Pirandellos Procuram Um Diretor*, *Um Sábado Em 30*, *Dorotéia*, *Valsa nº 6*, *Lisístratra*, *Heilogábulo & Eu*, *O Que Mantém Um Homem Vivo* e *Ana Clitemnestra*.

Na programação para a infância, retornando ao palco onde estreou em 1987, o Teatro de Santa Isabel, *Avoar*, da TTTTrês Produções Artísticas, comemorou três anos de temporada de sucesso, com dezesseis prêmios e mais de duzentas apresentações já realizadas (celebrando a mesma equipe); *Maria Minhoca*, da Paulo de Castro Produções Artísticas, continuou atraindo bom



Avoar



público por onde passou; e surgiu remontagem de *Como a Lua*, de Vladimir Capella, com direção do mesmo José Manoel (à frente também do lançamento da obra em 1984 e pela 1ª vez assinando uma remontagem), desta vez com realização pela Terceiridade Teatral e TTTTrês Produções Artísticas. Essencialmente uma história triste, segundo seu próprio autor, a trama aborda “o amor de um índio que por força do deus Rudá, dorme cem anos e acorda pintado de palhaço, com cara de lua cheia corona”, conforme descrito nos roteiros dos jornais da época. A peça esteve em cartaz, a partir de agosto, no Teatro Apolo, aos domingos pela manhã, mas também foi preparada para sessões com escolas, tendo os atores Carlos Lira (único remanescente do elenco original, como o protagonista Índio Paiá), Sílvia Marques, Márcio Moraes, Romildo Manoel, Mônica Holanda, Teka Miranda, Rudimar Constâncio e Otacílio Júnior.

Sete outras montagens estreadas no ano anterior continuaram fazendo apresentações em 1990. *Jesus, o Menino Que Veio do Céu*, com texto e direção de Edson Moura, ainda cumpriu



Pluft, o Aveso Poético de Um Fantasminha

sessões no início do ano, no Teatro do Cecosne. *Pluft, o Aveso Poético de Um Fantasminha*, com direção de Júnior Sampaio, ocupou o Teatro do Parque, passando depois para o Teatro da Pracinha, em Boa Viagem. No elenco renovado, nomes como Thiago Dinis como o protagonista, Williams Sant'Anna, Johann Vieira – João Luiz Vieira –, Paulo de Pontes, Itamira Andrade, Roberto Vieira, Fábio Ferretti e Rivalcléia Santos – Riva Santos. Celebrando carreira vitoriosa, *Maria Borradeira*, de Vladimir Capella, sob direção de Manoel Constantino e realização da Papagaios Produções Artísticas, iniciou nova temporada de quatro finais de semana no Teatro de Santa Isabel, dentro de um projeto de popularização ao teatro, após circulação pelo interior nos municípios de Pesqueira, Brejo da Madre de Deus, Escada e Palmares.

Sem ter receio de discutir a solidão e a morte com a criança, *O Paraíso é Azul?*, texto e direção de Didha Pereira, pela Marcus Siqueira Produções Artísticas em parceria com o Teatro Popular dos Coelhoos, após passar por João Pessoa, Campina Grande e Rio de Janeiro, retomou temporada no Teatro Apolo aos domingos pela manhã. Por sinal, Didha Pereira assumiu em

1990 a presidência da Feteape. *As Filhas do Sol*, texto escrito por Carlos Gomes, com direção de Irageu Fonseca e Edílson Rygaard, foi outra montagem de 1989 que voltou com temporada no Teatro do Parque, pelo Grupo de Teatro Berro d'Água; além de *Muitas Luas*, de Tatiana Belinky, com direção de Enéas Alvarez, trabalho que lançou a Portugal Produções, produtora de Pedro Portugal. Esta última chegou a ocupar o Edifício Chateau Cabernet, na Torre, lançando o projeto Teatro no Arranha-Céu, iniciativa que visava levar aos prédios residenciais da cidade espetáculos teatrais como forma de educação e lazer. A ideia partiu do ator Pedro Dias, integrante do elenco junto a Cleusson Vieira, Eduardo Gadelha, José Brito e Patrícia Pereira. Já o Palhaço Chocolate, com a sua grandiosa produção de *A Bela Adormecida*, ao celebrar cinco meses de sucesso em cartaz no Teatro de Santa Isabel, chegou a cumprir turnê com a peça pelo Nordeste ainda naquele ano.

A Bela Adormecida





Passageiros da Estrela (Será Que Vale a Pena Falar de Amor?)

Dois lançamentos infanto juvenis também surgiram em 1990: *Passageiros da Estrela (Será Que Vale a Pena Falar de Amor?)*, de Sérgio Fonta, com direção de Picchetto Saianni, pela Dramart Produções; e *A Maior Bagunça de Todos os Tempos*, de Moisés Neto, com direção de Burque de Aquino, pela Ilusionistas Corporação Artística. Na 1ª peça, que ficou em cartaz no Espaço Cultural Inácia Rapôso Meira, no Edifício AIP, na Avenida Dantas Barreto, e mostrava o relacionamento entre um casal indígena que se ama e é proibido de namorar devido às regras de sua sociedade, o elenco contava com Daniel Leinad, Janevalde Ramos, Margarida Mei-

ra (substituídos, respectivamente, por Edvaldo Oliveira, Flávio Santos e Célio Pontes), Goretti Chaves (substituída por Fábila Marques e, posteriormente, por Cláudia Pontes), Grace Maia, Ivone Cordeiro, Luiz César, Samuel Santos, Socorro Rapôso e Valéria do Amaral. Na 2ª produção, que por pouco mais de um mês cumpriu temporada no Teatro José Carlos Cavalcanti Borges trazendo "uma visão moderna do conto *Branca de Neve* misturando humor, terror e sensualidade", conforme a jornalista Inês Cunha, no *Diário de Pernambuco* (14 de outubro de 1990), estavam Lucinda Frota, Luciano Rodrigues, Simone Figueiredo, Moisés Neto, Carlos Mesquita e Valdeck Lemos.



A Maior Bagunça de Todos os Tempos



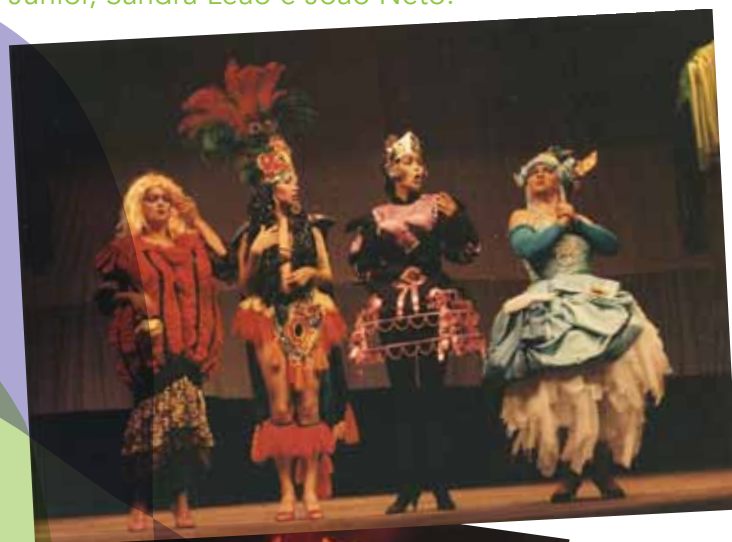


Ana Montarroyos, Ivonete Melo, Deise Rossiter, Sílvia Marques, Henrique Rodrigues, José Ramos, Auricéia Fraga, Nilza Lisboa, Otacílio Júnior, Sandra Leão e João Neto.



Pinóquio

No entanto, uma das estreias mais comentadas foi *Pinóquio*, da Circus Produções Artísticas, em cartaz no Teatro Apolo, comemorando os dez anos de existência da produtora e os cem anos de morte do autor Carlo Collodi. A adaptação da obra ficou com Cláudio Aguiar, sob direção de José Francisco Filho. No elenco, oito atores se revezando em vinte e cinco personagens: Manoel Constantino (o protagonista), Buarque de Aquino, Geane Bezerra, Romildo Moreira, Conceição Camarotti, Menezes Figueira, Chico Ribeiro e Vavá Paulino (Vavá Schön-Paulino). Outra estreia do ano, nem tão bem recebida, foi a nova versão para o texto *O Extrato de Formosura*, do astrólogo Eduardo Maia, com direção de Américo Barreto e Fábio Costa, pela Papagaios Produções Artísticas, um grande investimento de produção, por pouco tempo em cartaz no Teatro Barreto Júnior, a partir do mês de outubro. No elenco,



O Extrato de Formosura

Ainda há registros de outras peças para crianças estreadas em 1990: *A Menina Sem Nome*, de Guilherme Figueiredo, dirigida por Luciano Rodrigues, 1ª montagem da Teo Produções Artísticas, que ficou em cartaz, também por pouco tempo, no Teatro Valdemar de Oliveira, com os atores Fábio Lira, João Augusto Lira, Giordani Gorki, Hyeda Patrícia, Stela Rios e Ricardo Angeiras numa concepção poética sobre os meninos de rua; e *Hipopocaré – O Rei da Galhofa*, que ocupou aquele mesmo palco, pouco depois, passando em seguida para o Teatro de Santa Isabel, com realização da Cristia-



Hipopocaré – O Rei da Galhofa

no Lins Produções e administração de Antônio Nogueira. O texto de Antônio Guinho, que ganhou outras montagens antes e depois desta, foi destaque na coluna de Valdi Coutinho, no *Diário de Pernambuco*, devidamente reproduzido no seu livro *No Palco da Memória – 25 Anos de Crítica Teatral* (2008, p. 99-101.):

Trata-se de uma adaptação teatral do livro escrito por Antônio Guinho, em 1981, (...) esta é a segunda montagem já realizada nesta capital. A história fala de um amor, no mínimo, estranho. Uma hipopótama e um jacaré se apaixonam perdidamente. Talvez, quem sabe por que (sic) ambos frequentavam o mesmo “habitat”, o das águas enlameadas de um rio, embora anatomicamente, fossem bem diferentes. O esdrúxulo casal de animais casa-se e vão (sic) viver juntos. O número de transtornos que haverão de

enfrentar para tornar natural essa convivência. Algo muito esquisito para todos. Porém, com o nascimento do filhote, o “hipopocaré”, a vida da floresta muda. A surpresa e a curiosidade e o encantamento dos bichos em torno do estranho filhote é comovente e enternecido. A harmonia instaurada só vem a ser perturbada pelos indesejáveis caçadores, que pretendiam capturar o estranho animal a fim de transformá-lo em curiosidade rara nos grandes zoológicos. Bonita e diferente a história de Antônio Guinho. O espetáculo teatral consegue explorar bem a dramaticidade e a fantasia nele contidas. Aproveita-se para colocar em cena, numa linguagem bem acessível ao público infantil, questão séria assim como a luta contra o autoritarismo, personificado pelo senhor da floresta, o direito à liberdade, a defesa ecológica e o respeito às alternativas do amor.

No elenco desta 2ª versão de *Hipopocaré – O Rei da Galhofa*, dirigidos por José Francisco Filho, estavam Jeison Wallace, Roberto Vasconcelos, Daniela Gouveia, Helena Siqueira, Helena Tenderine, Gil Lisboa, Givaldo Alves, Marco Antônio Oliveira e Cláudio Tozzer (mais à frente, foram substituídos Sérgio Lima e George Alencar). As músicas foram criações de Fernando Lobo; e Laércio Júnior concebeu as máscaras dos enormes bonecos/bichos usadas pelo elenco. Também estreou, pela Companhia do Sol, *O Mistério das Outras Cores*, texto de Paulo André Guimarães e direção deste e de Eduardo Gomes (peça remontada anos depois pelo próprio autor), com sessões durante a semana para escolas, inicialmente no Teatro Valdemar de Oliveira, passando depois para o Teatro dos Bancários. No elenco, Luciano Rodrigues, Jeison Wallace, Giordani



O Mistério das  
Outras Cores



A Flor Mágica

de Veruska Azevedo, Socorro Sena, Neide Oliveira, Edmilson Fernandes e Homero Herculano no elenco. Por sua vez, *A Ver Estrelas*, elogiado musical com texto, direção e trilha sonora de João Falcão, contando com intérpretes conhecidos da mídia televisiva, Bruno Garcia, Virgínia Cavendish, Patrícia França, Cira Ramos, Paulo Falcão, João Augusto, Aramis Trindade e Maria Rossiter (esta última substituída por Maíra), ocupou o Teatro Barreto Júnior. A produção era de Alexandre Alencar e Adriana Falcão.

Gorki, Roberto Vasconcelos e Aurino Xavier. Em seguida, a mesma Companhia do Sol lançou uma produção para jovens, *Como Vencer Na Vida Sem Fazer Força*, sobre um rapaz imerso na “lei do menor esforço”, querendo tirar vantagem em tudo, texto de Paulo André Guimarães, com direção dele e de Eduardo Gomes, também com sessões específicas para escolas, no Teatro Boa Vista (do Colégio Salesiano) e Teatro Valdemar de Oliveira. No elenco, Ana Cláudia Wanguestel, Deborah Valença, Paulo de Pontes, Edílson Rygaard e Ricardo Pedrosa.

Como produções do teatro de bonecos, pôde ser vista *Bumba! Meu Boi Dá Vida*, pelo Teatroneco, com direção de Aurino Xavier e participação dos atores manipuladores Paulo Germano, Veruska Azevedo, Neide Oliveira e Edmilson Fernandes, em cartaz no Teatro do Cecosne, assim como *A Flor Mágica*, com quase a mesma equipe, sob direção de Aurino Xavier e presença



A Ver Estrelas





Espetáculo de Variedades Ecológicas

Já *Brincando de Gente Grande*, 3ª realização da Companhia do Sol naquele ano, com foco nas sessões para escolas de terça a sexta-feira, com texto e direção de Paulo André Guimarães; e *Circo Mágico*, de Roberto Costa, com direção de Antônio Nogueira, foram peças apresentadas no Teatro Valdemar de Oliveira. Ainda há registro do grupo Mão Molenga Teatro de Bonecos, que lançou *Espetáculo de Variedades Ecológicas*, texto e direção dos próprios atores manipuladores, *Carla Denise, Fábio Caio, Fátima Caio e Marcondes Lima*; *Zé da Verdade*, com alunos crianças do Arteviva em texto e direção de Maria Cristina Furtado, no Teatro do Forte; e *Ratibum – O Show do Baixinho*, no Teatro de Santa Isabel, com a “Xuxa do Nordeste”, Mônica Vilarim, em show dirigido por Roberto Costa e direito de cópia até da nave espacial da Xuxa no palco.

Mônica Vilarim, a “Xuxa do Nordeste”



Em dezembro de 1990, o Festival de Teatro de Bolso do Recife (Tebo), no Teatro do Forte, elegeu como melhores espetáculos da sua 11ª edição as peças *Valsa nº 6*, realização adulta da Portugal Produções e Cia. Théspis de Repertório; e *Flicts*, no seguimento para a infância, trabalho estreado naquele ano pelo Haja Teatro, com texto de Ziraldo em adaptação de Aderbal Júnior, sob direção de Elmar Castelo Branco. A peça conquistou ainda o título de Melhor Ator para Normando Roberto Santos como o protagonista *Flicts*. Picchetto Saianni ficou com o prêmio de Melhor Diretor na linguagem infantil por *Passageiros da Estrela (Será Que Vale A Pena Falar de Amor?)*, da Dramart Produções, que levou ainda o prêmio de Melhor Atriz para Margarida Meira. O ator Thiago Dinis recebeu o troféu de Revelação Infantil pelo talento precoce em *O Cavaleiro Azul*, de Maria Clara Machado, com direção de Claudiné de Abreu, pela Vanguarda Produções, equipe do município do Jaboatão dos Guararapes, na Região Metropoli-



O Cavaleiro Azul





tana do Recife, que chegou a cumprir temporada no Teatro Apolo. Ainda no elenco, Denílton Neves, Nika di Oliveira, Binho Rodrigues, Mário Orlando, Rivalcléia Santos (Riva Santos), Evaldo de Oliveira e o próprio diretor Claudiné de Abreu. *Flicts*, do Haja Teatro, recebeu vários outros prêmios em sua trajetória. É o que registra matéria no jornal *Folha de Pernambuco* (16 de novembro de 1990):

Comemorando os vinte e um anos da obra-prima de Ziraldo – “*Flicts, a cor*” o (sic) Haja Teatro, possuidor de extenso currículo na área da dramaturgia infantil, mostra a versão teatral deste famoso “poema” que encanta platéias de todo mundo. O espetáculo, que obteve seis indicações (...) e quatro prêmios (Melhor Coreografia: Black Escobar, Melhor Figurino: Elmar Castelo Branco, Melhor Espetáculo do Júri da Crítica e



2º Melhor Espetáculo do Júri Oficial) no I Festival Nacional de Teatro Infantil do Sesc-PB, se encontra em cartaz no Teatro José Carlos Cavalcanti Borges (...) Continuando seu trabalho de modernização do Teatro Infantil, Elmar Castelo Branco considera esta sua nova encenação como um marco em sua carreira (...) Com polivalência artística comprovada (...) Elmar já criou uma assinatura, uma espécie de griffe em suas encenações, marcadas pela modernidade dos signos teatrais, pelo primor do visual e principalmente pela mensagem concebida e comunicada através de uma releitura das obras que encena.

Flicts



No elenco, Normando Roberto Santos, Silvestre Filho, Black Escobar, Paulinho Mafe (substituídos, respectivamente, por Paulo de Pontes, Marcelino Dias, Wilma Marcelino e Alberto Brigadeiro), Carlos Albert, Vanise Souza, Emerson Nascimento, Marcos Amorim, Carmelita Pereira e George Demétrios. Vale ainda destacar *O Sapateiro do Rei*, de Lauro Gomes, com direção de Ednaldo Oliveira, pelo Grudage (Grupo da Gente), do Cabo de Santo Agostinho, cuja estreia aconteceu em 1989 na sua cidade de origem, mas que em 1990 cumpriu temporada no Recife, no Teatro Barreto Júnior, do Pina. Contraditoriamente naquele panorama sombrio de tanta retração financeira, o teatro para crianças continuou pulsando e vivia um bom momento segundo o crítico Valdi Coutinho, que pontuou na retrospectiva do ano publicada no *Diário de Pernambuco* (28 de dezembro de 1990):

O teatro infantil também soube resistir à tempestade avassaladora. Tivemos bons espetáculos tais como "O Extrato de Formosura", "A Ver Estrelas", "Hipopocaré", "Maria Minhoca", "Pinóquio", "A Bela Adormecida", "Flicts", "Pluft, O Aveso de Um Fantasma" [*Pluft, o Aveso Poético de Um Fantasminha*], e muitos outros, sem esquecer o Cecosne, sempre movimentando o seu espaço da Madalena com bons espetáculos artísticos.

No ano seguinte, 1991, uma verdadeira bomba explodiu na relação entre artistas e crítica teatral. Com a saída do crítico Enéas Alvarez do *Jornal do Commercio*, considerado mais "companheiro" da classe teatral e até benevolente nos seus comentários, quem o substituiu foi o jornalista Alexandre Figueirôa, com formação em Cinema. Os títulos das matérias publicadas na época traduzem que ele não perdoava deslizes nos palcos: "Texto não supera marcas do tempo" (3 de agosto de 1991), "Um banquete muito indigesto" (10 de agosto de 1991) e "Autoria insegura prejudica peça" (15 de agosto de 1991), só para citar alguns de seus escritos naquele ano. Mas o estopim dessa tumultuada relação aconteceu com a crítica da peça adulta *Um Bonde Chamado Desejo*, de Tennessee Williams, sob direção de Milton Baccarelli e com a atriz Suzana Costa à frente da produção, cujo irônico título espalhou estilhaços terríveis: "Um bonde chamado tropeço" (14 de julho de 1991). Curiosamente, a matéria foi assinada pelo editor Marco Polo, num equívoco de edição. Para piorar a situação, o texto foi republicado dias depois, agora com a assinatura do autor verdadeiro, Alexandre Figueirôa. Isso causou rebuliço e gerou mágoas tremendas na produção do espetáculo.

A partir daí, o conflito artistas versus crítica gerou uma série de artigos na imprensa, de outros jornalistas, de produtores teatrais e de representante das entidades de classe. O teatro para crianças, neste momento, vivia uma fase crítica



A Formiga Fofqueira

de produção e criatividade, fruto também da falta de investimentos na área. Poucas peças estiveram em cartaz no Recife. Dos infantis que conseguiram sobreviver, *A Formiga Fofqueira*, texto de Carlos Nobre, com direção de Max Almeida, pela Refletores Produções, que cumpriu temporada no Teatro dos Bancários, no bairro da Boa Vista, tendo no elenco Feliciano Félix, Michelle Laurem, Isaías Filho, Leon Arruda e Carol Leal (posteriormente também participaram Susy Oliveira, Izaltino Caetano e Sandra Mesquita); *O Circo de Seu Bolacha*, texto de Paulo de Oliveira Lima, com direção de Carlos Salles e atuação do trio Cleusson Vieira, Pedro Dias e Carlos Pitóia, pela Portugal Produções (que passou pelo Teatro José Carlos Cavalcanti Borges e, inclusive, no provocante Espaço Cultural Anexo Casa Azul, até então voltado para peças adultas e com ambientação bem ao estilo); *Antes de Ir ao Baile*, obra de Vladimir Capella voltada a todas as gerações, pelo Grupo Cênico Arteatro, em cartaz no Teatro Apolo, com Carlos Salles assumindo outra direção no ano, à frente dos atores Sandra Dias,

O Circo de Seu Bolacha





Antes de Ir ao Baile

Edinaldo Ribeiro, Márcia Cruz, Jacilene Mathias (Lene Mathias), Clayton Melo, Leandro Mariz, Thiago Dinis, Kátia Meira, Zaneide Nascimento e Cláudia Harnes; e *A Viagem de Um Barquinho*, de Sylvia Orthof, com direção de Flávio Santos, pelo Grupo Teatral Arte Livre, em temporada no Espaço Cultural Inácia Rapôso Meira.



A Noviça e o Capitão



A Viagem de Um Barquinho

Duas realizações da Cristiano Lins Produções foram os maiores sucessos de público do ano, *Os Saltimbancos*, de Chico Buarque de Holanda, com direção de Roberto Costa e participação de Alberto Braynner, Edílson Rygaard, Lene Ribeiro,

Os Saltimbancos



Joelma Alves e uma série de bailarinos e crianças; e *A Noviça e o Capitão*, texto de Antônio Nogueira inspirado no filme *A Noviça Rebelde*, com direção de Cristiano Lins e tendo Sheyla Costa como a protagonista, a noviça Maria, contracenando com sete crianças, entre outros. Também voltou à cena, pela mesma produtora, *A Incrível Viagem*, de Doc Comparato, com elenco renovado (Bóris Trindade Jr./Borica, como o protagonista, além de Alexandre Sampaio, Edivane Bactista, Yvette Moura e Cláudio Tozer), mas ain-

A Incrível Viagem



da sob direção de Manoel Constantino, em cartaz no Teatro Valdemar de Oliveira. O cenário e figurinos bem alegóricos eram de Uziel Lima. Já o diretor Júlio Rocha estreou *Os Aventureiros da Sorte*, texto seu, em cartaz no Teatro José Carlos Cavalcanti Borges, pela Trupe Experimental de Teatro; Joana D'Arc escreveu e dirigiu *Candy*, a *Bonequinha*, aos domingos pela manhã, no Teatro Valdemar de Oliveira; e o Grupo Pano de Boca fez *A Pequena Intrusa*, com texto e direção de Carlos Marculino.



A Pequena Intrusa

Se no bairro do Vasco da Gama o Teatro de Bonecos Lobatinho inaugurou seu palco auditório, a Companhia do Sol, liderada pelo diretor, dramaturgo e produtor Paulo André Guimarães, produziu apenas um espetáculo naquele ano, ainda no 1º semestre, *O Circo Brasil*, com texto e direção do próprio, especialmente para escolas. Por sua vez, mergulhando na fantasia de cinco garotos de rua, o musical infantil *Caxuxa*, de Ronaldo Ciamboni, com direção de João Falcão e direção musical de Waldir Chagas e Fernando Lobo, foi a grande estreia do mês de março, com o estreante grupo Ou Entra no Tom ou Sai da Música, trabalho bastante elogiado pelo crítico Valdir Coutinho, que reproduziu seus escritos da época no livro *No Palco da Memória – 25 Anos de Crítica Teatral* (op. cit., p. 87-89.):

“Ou Entra no Tom ou Sai da Música” começou superafinado. O grupo



Caxuxa

ousou fazer aquilo que eu já vinha sugerindo a muitos conjuntos que produzem espetáculos infantis, (...) encenar o espetáculo “Caxuxa”, numa noite de quarta-feira, no Teatro Barreto Jr., para convidados especiais (jornalistas, diretores de colégios professores, profissionais de mídia e comunicação, etc) e ainda ofereceu um coquetel para confraternização no final. (...) todo mundo bem impressionado com o nível do espetáculo, inclusive o autor do texto original, Ronaldo Ciamboni, que trata do direito que cada um tem, especialmente a criança, de sonhar com a felicidade. A adaptação feita por João Falcão também foi de uma propriedade impressionante. No gênero “diet”. Tirou as gorduras e injetou muita poesia em forma de música. (...) A trilha é bonita toda, daquelas que dá vontade logo de cantar. E sonhar. Outra coisa importante em “Caxuxa” é o tratamento técnico dado ao espetáculo. A impressão que fica é a de

que existe música ao vivo e que os intérpretes estão cantando com microfones embutidos, tudo muito limpo, muito leve, audível e encantador. E por falar em interpretação, o estilo lembra as coisas feitas por João Falcão. Sem rebuscamentos, sem rótulos, sem clichês, mas de uma precisão e emoção verdadeiras. Depois de tanto tempo ligado à televisão, Cláudio Ferrário comprova que não esqueceu as origens verdadeiras do palco. Lívia Falcão no papel título, reaparece em grande estilo, criando um tipo encantador. Walmir Chagas (o Homem do Saco) oferece outra dosagem de versatilidade e convicção dramática. Não conhecia o trabalho de João Augusto Lira (Caramujo) nem o de Patrícia França (Graxa), mas os dois afinam direitinho o conjunto. Dirigido ao público infantil mas também para atingir outras faixas etárias, "Caxuxa" demonstra outra virtude dos que fazem "Ou Entra no Tom ou Sai da Música", a de não subestimar a capacidade de leitura e de interesse da criança, jogando com a simplicidade e a criatividade, mas imprimindo ao espetáculo um ritmo, uma dinâmica, uma linguagem, tão envolventes que terminam facilitando a compreensão do drama e mantendo o nível da atenção bem aguçado. O cotidiano dos meninos de

rua, tão sonhadores quanto outros de qualquer categoria social, ganha um tratamento cênico tão sério, e paradoxalmente lúdico, que se torna impossível não sonhar junto com todos os lavadores de carro, apanhadores de papel, mendigos e engraxates, identificando toda a crueldade da vida que levam, mas também respeitando o direito que eles têm de sonhar com um mundo melhor e uma sociedade menos injusta.



Arlequim



Caxuxa



Em julho, também no Teatro Barreto Júnior, estreou *Arlequim*, da Remo Produções Artísticas, peça que ultrapassou a fronteira brasileira e chegou a ser vista em Portugal anos depois, nas cidades de Lisboa, Porto e Tondela, a convite do Projeto Cumplicidades, além de passar por Garanhuns, Arcoverde, Caruaru (PE), Natal (RN) e Rio de Janeiro (RJ). O texto festivo de Ronaldo Cor-

reia de Brito e Assis Lima, contou com a direção de Carlos Carvalho, além de trilha sonora original de Antônio Madureira, coreografia de Amélia Velloso, cenário, figurino e adereços de Walter Holmes e maquiagem de João Denys. As armações do brincante Arlequim eram contadas com muita música e danças durante os quatro dias de carnaval, quando ele tenta se livrar das confusões provocadas pelas demais personagens: Catirina, o Capitão do Cavalo-Marinho, o casal de apaixonados Pierrô e Colombina e até o Diabo.

No elenco original, Sílvio Pinto, Ivonete Melo, Carlos Lira, Simone Figueiredo, Arnaldo Siqueira, Roger de Renor, Juliana Conde, Valdir Nunes, Mônica Barroso e Otacílio Júnior, mas uma série de outros intérpretes também participou, já que a peça perdurou por anos, quase sempre voltando à cena próxima ao período carnavalesco. Ainda em 1991, a equipe fez nova temporada no Teatro do Parque e, em 1992, o trabalho conquistou os prêmios de Melhor Espetáculo Infantil, Melhor Produção, Melhor Ator (Sílvio Pinto), Melhor Atriz Coadjuvante (Simone Figueiredo), Melhor Bailarina Popular (Juliana Conde), Melhor Trilha Sonora (Antônio Madureira) e Melhor Direção (Carlos Carvalho) no Troféu Sated/Feteape Destaques do Ano.

Outros tantos elogios foram para *O Rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda*, texto de Celso Lemos, com direção de Manoel Constantino, que estreou em outubro, no Teatro Barreto Júnior, em mais uma grande realização da Papagaios Produções Artísticas, com proposta que unia à lenda medieval, sincretismo religioso afro, música armorial e estética primando pelo chitão nordestino. Uma matéria assinada pela jornalista Ivana Moura, no *Diário de Pernambuco* (5 de outubro de 1991), deu mais detalhes sobre essa mistura:

A montagem, dirigida por Manoel Constantino, é, segundo avaliação dos



O Rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda

produtores, ao mesmo tempo um desafio e um compromisso com a linguagem do teatro infantil. “Primeiro por se tratar de uma lenda, que por sua riqueza arquetípica vem atravessando os séculos”, explica a produção. E segundo pela obrigação de levar um espetáculo capaz de enriquecer o espectador no seu aprendizado do mundo que o cerca». Além de todos os valores morais explicitados no texto, a encenação recifense busca enfatizar uma mensagem ecológica, nesses tempos tão preocupantes com a natureza. A encenação lança mão das tradições nordestinas, numa tentativa de aproximar o texto «da nossa realidade, através dos elementos estéticos e espetaculares». Baseado no clima e na flora da região, o cenário usa a estamperia do chitão. Inspirado «na luminosidade das cores fortes utilizadas pelo nosso povo», o figurino é confeccionado também de chitão e faz «uma analogia à indumen-



O Rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda

tária dos nossos vaqueiros». Para tornar mais próxima a saga do rei Artur e seus indômitos e temerários cavaleiros, a montagem traça uma ligação, pelo sincretismo religioso, das personagens Viviane e Merlin, com Yemanjá e Oxóssi – deuses afro-brasileiros. Com uma hora e quinze minutos de duração, as cenas do espetáculo são molduradas pela musicalidade armorial, e coreografias baseadas em danças como ciranda e a cavallhada.


O elenco era formado por Auricéia Fraga, Aidil Araújo, Cira Ramos, Flávio Santos, José Ramos, João Neto, Maurício Melo, Nino Fernandes, Ril Gouveia, Sílvia Marques, Alfredo Montebelo, Henrique Rodrigues e Antônio Carlos Mergulhão, o saudoso ator Bobby Mergulhão em sua estreia. Posteriormente, Edivane Bactista e Manoel Constantino foram artistas substitutos. A direção de arte era de João Neto. Na linha da bonecaria, o grupo Mão Molenga Teatro de Bonecos estreou três novos trabalhos, *As Bravatas de Benta e Bastião*, *O Mundo Mágico do Corpo Humano* e *A Cartola Encantada* (este último, no repertório desde então, com personagens como um Sapo apresentador que sonha em ser mágico; o rato vilão Juvenal e a famosa macaca cantora Heleninha, verdadeira estrela entre outros animais e plantas com características humanas), todas estas montagens com texto, direção e bonecos do quarteto Carla Denise, Fábio Caio, Fátima Caio

e Marcondes Lima. Já o Teatro de Marionetes Bonecartes voltou a apresentar *Bumba-Meu-Boi do Capitão Boca Mole*, com direção de Laércio Júnior, celebrando dez anos de sua companhia.

Chegando à 12ª edição, o Festival de Teatro de Bolso do Recife (Tebo) premiou na categoria infantil como Melhor Espetáculo, *O Circo de Seu Bolacha*, da Portugal Produções, que abocanhou ainda o troféu de Melhor Ator para Flávio Renovatto. Izaltino Caetano ficou como Melhor Diretor por *Maria Minhoca*, da Foco III do Coliseu, de Olinda; Magna Magalhães ganhou como Melhor Atriz por *A Viagem de Um Barquinho*, de Sylvia Orthof, com o Grupo Teatral Arte Livre, sob direção de Flávio Santos; e André Coelho foi a Revelação Infantil por seu trabalho em *A Pequenina Intrusa*, do Grupo Pano de Boca. Na cidade de Garanhuns, durante o I Encontro de Política Cultural do Agreste Meridional, promovido pela Federação de Teatro Amador de Pernambuco (Feteape), a programação foi encerrada com o espetáculo *Os Saltimbancos*, de Chico Buarque de Holanda, pelo Grupo Happening, da própria Garanhuns.

Maria Minhoca





No Cabo de Santo Agostinho foi realizado o I Festival Nacional de Teatro Amador do Cabo, no Teatro Barreto Júnior daquele município, ação da Associação Cabense de Teatro Amador (ACTA), contando com peças adultas e para crianças dos estados de Pernambuco, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo e Paraíba. Na programação para a infância, participaram *O Sapateiro do Rei*, do Grudage, e *O Pequenino Grão de Areia*, de João Falcão, pelo Grupo Supimpa Produções, de João Pessoa (PB). O ano de 1991 ainda marcou a estreia de um ícone da produção teatral adulta recifense, curiosamente pautada numa trama infantil, mas com perfil de comédia suburbana, *Cinderela*, a *História Que Sua Mãe Não Contou...*, da Cia. Trupe do Barulho, que permaneceu nove anos em cartaz como um dos grandes recordistas de bilheteria no Recife. Diante de tudo aquilo, a crítica Ivana Moura só deu destaque na retrospectiva do ano no *Diário de Pernambuco* (28 de dezembro de 1991) a uma equipe que nasceu e morreu fugazmente:

O teatro infantil, embora sem repetir a fertilidade de anos anteriores, manteve-se persistente e laborioso durante todo o ano, tendo como novidade o aparecimento da nova companhia “Ou Entra no Tom ou Sai da Música” (...)

Em 1992, a peça *O Rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda* voltou ao cartaz no Teatro Barreto Júnior e o *Jornal do Commercio* (11 de abril de 1992) revelou uma ação que muitos produtores teatrais faziam naquele momento:

Desde a criação dos Papagaios Produções Artísticas é executado o Projeto Escola, onde a Produtora realiza espetáculos durante a semana, fretando o ônibus e vendendo o pacote para as escolas do Recife. Segundo um dos sócios da Papagaios, Henrique Rodrigues,

“a receptividade por parte dos diretores e professores é grande. Já existem instituições de ensino que trabalham conosco a cada novo espetáculo. A relação profissional entre escolas/Papagaios se torna tradicional”. Para a Papagaios Produções Artísticas é importante o colégio levar seus alunos aos espetáculos, como forma de estimular e educar a criança a ir ao Teatro. “Através de estudos feitos por psicólogos, a criança que tem a oportunidade de frequentar o teatro desenvolve um senso crítico mais apurado; ela se torna um ser mais vivo, mais participante da sociedade. Daí, a seriedade tem de ser encarada no teatro infantil, pois estamos educando, dando subsídios para a formação de um adulto”, afirma o diretor do espetáculo, Manoel Constantino.

Infelizmente, nem todos produziram espetáculos à altura desta importância e a história prova que a saturação desta relação com as escolas prejudicou e muito o teatro promovido nos finais de semana. O fato é que cresceu o número de peças para crianças no Recife em 1992, curiosamente com o lançamento de montagens que perduraram por um bom tempo. A começar de *O Bosque do Coração do Brasil*, texto de Marcos Sá, com direção de José Francisco Filho e realização da Paulo de Castro Produções Artísticas e Circus Produções Artísticas, inicialmente em cartaz no Teatro Apolo e passando, depois, para o Teatro do Horto, seu principal palco. A peça foi saldada pela crítica Ivana Moura, no *Diário de Pernambuco* (29 de maio de 1992):

Duas produtoras reuniram-se para mostrar a destruição que o homem causa ao meio ambiente. *O Bosque no (sic) Coração do Brasil* em cartaz no Teatro Apolo, sábados e domingos, é um espetáculo singelo. O pequeno texto de Marcos





O Bosque do Coração do Brasil

Sá ganha da direção de José Francisco Filho um encantamento pueril. A encenação começa com a apresentação das personagens que contarão a história de um bosque que permanece intacto no meio de uma cidade. Um casal de passarinhos sai à cata de um lugar para nascer o filhotinho. Encontram o bosque com suas árvores falantes, e a cachoeira tagarela e chorona. Mas rapidamente o passarinho descobre que o lugar poderá ser destruído para a construção de uma ferrovia. No final o elenco pede às crianças da plateia que não permitam que o homem desequilibre ainda mais a Natureza. Os figurinos e cenários, de João Neto, são simples e funcionais. A produção é modesta, mas a criatividade prevalece. Com esses elementos o grupo não tenta escamotear da criança que é teatro. O jogo cênico forja-se na frente do público, com algumas caracterizações em cena. Como o texto, de frases curtas e diretas, de fácil compre-

ensão para o público infanto-juvenil, as músicas de Walmir Chagas e Rosendelfon (sic) Santos também exploram a simplicidade da beleza. As coreografias de Mariza Queiroga, não acompanham o mesmo ritmo harmônico na sua simplicidade (...) são pobres, expõem os atores, que, com exceção de Vavá Paulino, mostram-se fora de sintonia com os passos. Essa é uma falha do espetáculo. O elenco, formado por Buarque de Aquino, Conceição Camarotti (casal de passarinhos), Pietra Alves, Rosendelfon (sic) Santos, e Paulo de Castro (árvores), Ivonete Melo (cachoeira) e Vavá Paulino (deus da mata), segura o jogo lúdico.

Já no Teatro José Carlos Cavalcanti Borges, estreou a mais longeva das produções teatrais para a criançada no Recife, *A Estória dos Três Porquinhos* (que mais à frente foi rebatizada apenas como *Os Três Porquinhos* e passou por diversos outros espaços, como o Teatro dos Bancários e o Teatro do Horto), [texto de Reginaldo Zarpa \(Reginaldo Silva\) inspirado em obra de Joseph Jacobs, com direção de Cleusson Vieira](#), numa montagem da Portugal Produções. A crítica Ivana Moura também soube dar atenção à montagem no *Diário de Pernambuco* (3 de julho de 1992):

Contando as desavenças e peripécias dos manos Prático, Cícero e Heitor o texto percorre o caminho maniqueísta de que o bem vence sempre o mal, mesmo que esta realidade esteja longe dos lugarejos do mundo e principalmente do Brasil atual. A montagem da adaptação de Reginaldo Zarpa, com direção de Cleusson Vieira, em cartaz aos sábados e domingos no Teatro José Carlos Cavalcanti Borges, procura manter-se fiel ao contexto dos Irmãos Grimm. De saída, a encenação da Portugal Produ-



A Estória dos Três Porquinhos

ções encontra essa vantagem, e mesmo na era da Informática, a garotada aprecia história dos bichinhos. A duração do espetáculo é ideal, em média 50 minutos, não cansando ou desgastando a paciência da gurizada. Através do humor e alegoria, a peça ensina às crianças que ser preguiçoso não leva a lugar algum e que nem só de brincadeiras é feita a vida. Aproveitando o aspecto didático da peça, eles procuram uma comunicação com participação mais ativa do público infantil, perguntando-lhes e ensinando como escovar os dentes, por exemplo. Há falhas na montagem. Falta um domínio do elenco que permita a participação ativa da criança, sem se transformar o auditório numa algazarra ou reprimir a espontaneidade dessa gente miúda. Enquanto interpretam eles dão conta do recado, com especial destaque para Aldo Furtunato (Prático e Lobo Mau), mas quando começam a in-

teragir com a platéia foge-lhes a postura de atores contadores de uma história. A trilha sonora, do músico Allan Sales, é interessante e comunicativa, mas a gravação está tão ruim que pouco se entende do que é cantado. Os signos visuais são expressivos e funcionais. Apesar da produção simples, os cenários e figurinos coloridos e sem exageros possibilitam uma empatia com o público infantil. A ação traz o tom da aventura, entremeada por correrias realçadas pela iluminação. As coreografias do espetáculo são pobres, reeditando o mesmo problema dos atores da cidade e suas limitações dançantes. De qualquer forma, o tom poético e moralizante de "A História dos Três Porquinhos" garante uma hora de diversão saudável para a garotada. No elenco estão Paulo Henrique (Cícero), Chico Domingos (Heitor) e Viviane Melo (menina).

Em atividade recordista até o fechamento desta pesquisa em 2013 (já numa parceria de anos com a Paulo de Castro Produções Artísticas), a peça *Os Três Porquinhos* cumpriu circulação vitoriosa pelas cidades de Garanhuns, Triunfo, Olinda, Caruaru, Igarassu, Palmares (PE), Maceió (AL), Natal (RN), Teresina (PI), Belém (PA), Juazeiro (BA) e Aracaju (SE), entre outras. Do elenco original, todos foram substituídos e dezenas de artistas já participaram, como Cleusson Vieira, Célio Pontes, Flávio Renovatto, Edinaldo Ribeiro, Marcelo Barros, Carlos Pitóia, Ivaldo Cunha Filho, Paulo de Pontes, Sóstenes Vidal, Maria Oliveira e Mário Antônio Miranda, com participação do mágico Lu-Gom em algumas sessões. Por sua vez, com foco único para escolas, a Companhia do Sol lançou dois novos trabalhos no Teatro Valdemar de Oliveira, *As Aventuras de Arnóbio Micróbio*, no 1º semestre, com texto e direção de Paulo André Guimarães; e *Pinóquio*, adaptação e direção do mesmo.

Também em 1992 foi o ano de lançamento de *Minha Infância Querida*, de Maria Clara Machado, com direção de Carlos Salles, pela Oficina Novo Palco, da cidade do Paulista, sobre as aventuras de alunos de uma escola primária na década de 1960, em cartaz no Teatro Apolo; *O Chapeuzinho Vermelho*, texto e direção de Didha Pereira, pela Lumiart Produções, vista no mesmo palco do Teatro Apolo; *Tainhakã – Estrelinha da Manhã*, com texto e direção de Romildo Moreira, numa realização dos Bufões Produtores Culturais, em cartaz no Teatro do Parque, musical infantil em torno de um índio que se apaixona por um boi-bumbá e explode de tanto amor; *As Aventuras de Uma Viúva Alucinada*, do mamulegueiro Ginu, história de uma viúva que continua inconsolável dez anos após a morte do marido, com sessões realizadas na Célia Meira Escola de Danças; e *A Farsa de Yarim no Céu de Mandacaru*, espetáculo que trata

das lendas do sertão numa linguagem universal, com muitas músicas e coreografias, em texto de Cláudia de Castro e direção de Uziel Lima, no Teatro Barreto Júnior.

Ainda com os atores Nino Fernandes, Henrique Rodrigues, Cira Ramos, Auricéia Fraga, Maurício Melo, Manoel Constantino, Edivane Bactista e Simone Figueiredo (tendo Hilton Azevedo, Aidil Araújo e Héliida Macedo como eventuais substitutos), foi feito *Mudanças no Galinheiro Mudam as Coisas Por Inteiro*, de Sylvia Orthof, com adaptação e direção de Manoel Constantino em remontagem da Papagaios Produções

Tainhakã – Estrelinha da Manhã



Mudanças no Galinheiro  
Mudam as Coisas Por Inteiro

A Farsa de Yarim no  
Céu de Mandacaru



Artísticas, ocupando o Teatro Barreto Júnior – a divertida peça parte da premissa do que aconteceria na terra se o sol, gripado, resolvesse descansar e mandasse a lua trabalhar em seu lugar. Daí, acontece uma reviravolta em um ga-



A Revolta dos Brinquedos

linheiro, com duas noites seguidas sem um dia no meio –; além de *A Revolta dos Brinquedos*, de Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga, com os atores Marcos Amorim, Vanise Souza, Rudimar Constâncio, Flávio Santos, Cristina Siqueira, Rosa Fernandes e George Demétrios, sob direção de Elmar Castelo Branco, numa produção da Cia. de Teatro Molière, com sessões no Teatro José Carlos Cavalcanti Borges. Elmar Castelo Branco ainda dirigiu como seu 1º trabalho à frente do Teatro da Universidade Católica de Pernambuco (Tucap), *Flicts*, de Ziraldo, com adaptação de Aderbal Júnior, tendo no elenco Kátia Francis, June Travassos, Fátima Costa, Renata Freitas, Ana de Alencar, Evaldo Soares, Luiz Souza e Paulo Cavalcanti, com récitas no auditório da própria Universidade Católica de Pernambuco.



Flicts

Colhendo boas bilheterias, o produtor Cristiano Lins continuou em cartaz com *Os Saltimbancos*, no Teatro Valdemar de Oliveira, e *A Noviça e o Capitão*, no Teatro Barreto Júnior; e ainda há registro de apresentações no Recife das peças *O Rapto das Cebolinhas* e *O Boi e o Burro a Caminho de Belém*, ambas pela Cia. de Teatro Paulista, sob direção de Glauco Cazé; *Mão de Ferro* e *a Estrela Cadente*, do Grupo Unidos Pelo Ideal, também do município do Paulista; *O Bem-Te-Vi*, de Rubens Teixeira, pela Foco III do Coliseu, de Olinda, com direção de Izaltino Caetano; e outra versão de *O Rapto das Cebolinhas*, desta vez pelo Grupo Feitiço da Arte, da cidade de Bonito (PE). No total, vinte e cinco produções ganharam a cena, além de shows para a infância e circo, com destaque para *Parabéns Pra Você*, show de variedades com a “Xuxa do Recife”, Mônica Vilarim, no Teatro Valdemar de Oliveira; *O Circoneco*, espetáculo com palhaços, malabaristas, trapezistas e bonecos, na Fundação Cecosne; *O Dia da Criança Com o Palhaço Chocolate*, reunindo cinquenta artistas em palco armado no Parque 13 de Maio, liderados por Ulisses Dornelas; e *Show Legal Com o Palhaço K-Cau*, com o palhaço K-Cau contracenando com bonecos de Walt Disney, Mônica, Cebolinha e Coelhoinho, entre outros, distribuindo brindes e fazendo brincadeiras com a criançada.

Aquele foi um momento de intensa rotatividade nos teatros, com trabalhos de todas as qualidades artísticas. No Teatro Valdemar de Oliveira, *Brincadeiras de Crianças*, texto e direção de

Brincadeiras de Crianças





Curiosamente, o mesmo texto foi encenado por Didha Pereira em paralelo, sob o título completo *Os Palhaços da Rua da Alegria no Reino de Perolim*, no Teatro Apolo, com ele, Mônica Holanda e Max Almeida entre outros intérpretes. *O Planeta Perfeito*, adaptação e direção de Waldja Neves (Thina Neves), também entrou em



Gruilly na Terra das Bruxas

Edvaldo de Oliveira, encenou musical que reunia o Palhaço Cebolinha e várias outras personagens infantis. Ainda naquele mesmo palco, pela Amorarte Produções, *Gruilly na Terra das Bruxas*, com texto e direção de Antônio Bernardi, espetáculo infanto juvenil em torno de um duende que se relaciona com bruxas e diabinhos atraiu bom público. No elenco, além do autor e diretor como protagonista, Maria Paula, Nio Marcos, Renata Phaelante, Beto Resende e Sérgio Clark, entre outros. Também foram lançados *Cuidado com o Tamanduá Bandeira!*, texto de Mário Zumba, com direção de José Manoel, montagem da Companhia Boca de Forno propondo um fábula sobre um Tamanduá que constrói uma usina atômica em cima de um formigueiro, em cartaz no Teatro Barreto Júnior; e *Os Palhaços da Rua da Alegria*, texto de Norberto Cardoso, sob direção de Izaltino Caetano, pela Foco III do Coliseu e By Frank Produções, no qual palhaços tentam evitar a chegada de um bruxo do mal à rua da Alegria. No elenco, Pedro Dias, Norberto Cardoso, Taveira Júnior e Frank Souza, em cartaz no Teatro dos Bancários.



Os Palhaços da Rua da Alegria no Reino de Perolim



O Planeta Perfeito

cartaz no Teatro Barreto Júnior, montagem do Grupo Arte e Riso, musical sobre uma menina que apesar dos problemas existenciais, tenta conviver pacificamente com os amigos; além da continuidade das sessões de *Bumba! Meu Boi Dá Vida*, espetáculo do Teatroneco, ocupando a Fundação Cecosne; e *O Circo de Seu Bolacha*, pela Portugal Produções, no Teatro do Forte. José Manoel ainda dirigiu *Jacaré Espaçonave do Céu*, de Zé Zuca e Carlos Lagoeiro, a con-



Jacaré Espaçonave do Céu

vite da Remo Produções Artísticas para circulação por escolas, mas a peça também foi vista na Casa da Cultura, com **Cira Ramos, Carlos Lira, Dárdana Rangel, Teka Miranda e Paulo de Pontes**, entre outros atores. Ainda foram feitas *Kuarup – Oração Por Amor à Terra*, da Semérgio Produções Artísticas, com texto e direção de Sérgio Barbosa, apresentada no Teatro Apolo; e *O Boi o Burro* (com título mutilado), de Maria Clara Machado, pelo Grupo Acauã, sob direção de Ginaldo Pereira, no Teatro do Derby, espaço já encerrando suas atividades.

Com apresentação no Circo Escola Piolim, armado no Centro de Convenções, em Olinda, junto ao show da "Xuxa do Recife", *Cegonha Boa de Bico*, texto de Marilu Alvarez, com direção de José Manoel, foi o último espetáculo realizado pela Aquarius Produções Artísticas, com Bóris Trindade Jr. (Borica), filho do produtor Bóris Trindade, à frente da produção executiva. **No elenco estavam Daniela Câmara, Otacílio**

**Júnior, Rivalcléia Santos (Riva Santos), Alexandre Sampaio, Mário Antônio Miranda, Ana Luiza Accioly e Hamilton Figueiredo.** Já a Companhia Teatro de Bonecos Cabuji, liderada pelo bonequeiro Wellington Fernandes, circulou por escolas públicas e privadas e hospitais com a peça *O Planeta do Pó de Ouro*, sobre a mania de Zeca Serrote que é cortar árvores. **A equipe, formada ainda por Guga Brito, Kate Conceição e Celena,** também cumpriu sessões no Espaço Cultural Inácia Rapôso.



O Enigma de Cid

No Cabo de Santo Agostinho surgiu *O Enigma de Cid*, de Guto Greco, comédia infantil na linguagem clown em que o jovem Cid tenta vencer suas doze tarefas, enfrentando todo tipo de problema. Com direção de Williams Sant'Anna, a montagem cumpriu temporada no Teatro Barreto Júnior daquele município, com produção do Grupo da Gente (Grudage) e tendo como intérpretes **Edes Oliveira (Edes di Oliveira), Evânia Copino, Edson Oliveira, Edinilson Oliveira, Márcio Moraes (substituído por Múcio Vilella) e Vânia Ciccone.** Em Caruaru, vale registrar a estreia do musical infantil *Zapt & Zupt – Traques e Truques Para Manter o Verde Vivo*, criação coletiva do Grupo Folguedo, numa realização do Grupo Feira de Teatro Popular, única experiência em direção da atriz e figurinista Iva Araújo. **No elenco, Nadja Cristine, Sebá (Sebastião Alves), Emanoel Borges, Edu Oliveira e Jorge Henrique.** As músicas de Jadilson Lourenço eram executadas

ao vivo, tendo o acompanhamento dele, de Alexandre Marinho e Gil Leite.

Ainda como reflexo da crise estourada em 1991, a crítica não poupou o teatro pernambucano em 1992, agora com dois novos jornalistas na ativa, João Luiz Vieira, no *Jornal do Commercio*, e Ivana Moura, no *Diario de Pernambuco* (esta, escrevendo desde 1991 para o seguimento). Os dois metralharam o Festival de Teatro de Bolso do Recife (Tebo), causando grande insatisfação principalmente nos organizadores do evento, Enéas Alvarez e Sônia Medeiros. Os infantis, provavelmente por suas frágeis propostas, foram os mais atacados. A crítica Ivana Moura lembrou no *Diario de Pernambuco* (27 de novembro de 1992):

A peça "O Bem-te-Vi", de Rubem (sic) Teixeira, com direção de Izaltino, Caetano foi a primeira concorrente infantil, na noite de quarta-feira. A história do primeiro filhote da mamãe – Bem-te-vi está alicerçado em inumeráveis lições de moral. A pretensão de instigar a reflexão na criança esbarra na fragilidade de argumentos, na elaboração cênica e no fraco desempenho dos atores. Quem se sai melhor dessa é Méri Lins. Izaltino perdeu oportunidade de fazer uma leitura ecológica (tão em moda) ou

ressaltar o processo educativo. Há muita "gordura" na montagem, elementos para enganar os bestas. E criança não é besta. Acha engraçadinho, mas nem tanto. Aquela história de querer mudar a natureza da raposa e transformá-la em vegetariana é um pouco demais. Os atores pegaram o lado mais superficial das personagens, bichos, homens e árvore, não explorando devidamente cada tipo peculiar. O melhor fica por conta da caracterização (figurinos, adereços e maquiagem), mas que mesmo assim não chega a ser nenhuma maravilha.

Francis de Souza assinava os figurinos e a maquiagem era de Carlos Ramos. No *Jornal do Commercio* (2 de dezembro de 1992), o crítico João Luiz Vieira foi mais irônico com as peças infantis:

Mais um texto de Maria Clara Machado foi montado no Tebo. Aliás, um mesmo texto montado duas vezes (...) Depois da Cia. de Teatro Paulista mostrar o que fez de "O Rapto das Cebolinhas", foi a vez do Grupo Feitiço da Arte, de Bonito, procurar umas cebolinhas de papel celofane seqüestradas de um sítio. Que história incrível não? Maria Clara já es-

O Bem-Te-Vi



O Rapto das Cebolinhas



teve muito mais inspirada em textos como "Pluft, o Fantasminha". Este, uma bobagem, foi levado com muita animação pelos bonitenses. Alguns atores animadinhos demais, entregaram-se à caricatura e deram-se mal. Gilson Temporal, que fez o detetive Camaleão alface, saiu-se melhor e foi indicado para o prêmio de Melhor Ator Infantil. Mas, quem levou a melhor foi o Camaleão Alface de Paulista, Glauco Cazé, que ficou com o prêmio. (...) Os últimos espetáculos infantis a apresentarem-se no Tebo foram "Minha Infância Querida" e "Arlequim". Este último, tinha uma boa história e trilha sonora, mas ator que é bom, só um. Aparecida França, que fez a endiabrada Catirina e foi indicada ao prêmio de Melhor Atriz Infantil. Sorte dela. "Minha Infância" ganhou os principais prêmios por simplesmente faltar-lhe concorrentes. O texto é em

cima das traquinagens de uma turma de ginasianos fogosos. Dos atores, o júri indicou Cláudia Pontes (Melhor Atriz Infantil), Cida Duarte e Normando Roberto. O diretor Carlos Sales (sic) cometeu equívocos já na escalação do elenco, convidando atores barbados para fazer garotinhos de 13 anos. (...) Dois infantis seguiram-se (...) "O Bem-Ti-Vi" e "Mão de Ferro e a Estrela Cadente". O primeiro, do Foco III do Coliseu, é uma bobagem para crianças debilóides. Izaltino Caetano, o diretor, tem espetá-

Minha Infância Querida



Mão de Ferro e a Estrela Cadente

culos premiados até mesmo em outros Tebos, mas desta vez errou a mão. Chamou bons atores, como Flávio Renovato e Méri Lins, por exemplo, para contar a história do nascimento de um bem-te-vi (...) e sua adaptação à vida na floresta. Justamente eles dois sobressairam-se em relação aos outros atores, que estavam caricatos e débeis. O espetáculo começa com uma esforçada Méri Lins dublando a narração da historinha. Ela faz a mãe bem-te-vi, que recebe de asas abertinhas seu bem-te-vi pequenino. Que lindinho. Tudo é muito coloridinho, engraçadinho, mas superbobinho. Nem baby-sauro agüentaria tanto bê-á-bá e não iria engolir fácil a história de uma raposa que decide ser vegetariana pelo



bem de todos na floresta, (...) Em outro momento, o Bem-Ti-Vi quebra galhos secos e faz um (sic) fogueira perto da personagem Árvore, para conversarem. Mais ecologicamente incorreto impossível. Odé Félix dirigiu a fábula "Mão de Ferro e a Estrela Cadente" para o grupo Unidos pelo Ideal, de Paulista. O texto, de uma estrela que caiu do Céu e vem conhecer de perto o que é viver na terra, é melhorzinho que o de o "Bem-Te-Vi", mas a encenação, fraquíssima. A trilha, apesar de malgravada (sic), era razoável. Os atores, principalmente a protagonista, estavam tão expressivos quanto o cenário, onde uma nuvem estava reduzida a um pedaço de tule que se movimentava com a ajuda de pedaço de cano e um fio de náilon, tudo muito visível, sem disfarces, sem composição estética ou artística. "O Rapto das Cebolinhas" e "O Boi e o Burro a Caminha de Belém", ambos de Maria Clara Machado, foram levados ao Tebo pela Cia. de Teatro Paulista. O primeiro teve alguns momentos engraçados, principalmente pelo ritmo de desenho animado empregado pelo diretor Glauco Cazé, que inclusive, é um ator razoável. O segundo [ilegível] tentou emocionar a platéia com a presença do Coro da Mirueira, cantando melodias natalinas do gênero "Noite Feliz". Não deu certo. O espírito natalino não foi incorporado, principalmente pela falta de talento dos dois atores, que interpretaram o Boi e o Burro. Não sabiam andar nem cair no palco. Pesados, quando em teatro infantil a leveza nos movimentos é regra, irritavam mais pelas fortes pisadas que quando falavam, mal, seus textos.

Ainda em 1992, durante o II Festival Nacional de Teatro do Cabo (Fenateca), com dezesseis

espetáculos de seis estados brasileiros, o crítico João Luiz Vieira atestou no *Jornal do Comercio* (documento pertencente ao acervo de Leudson Ferraz, sem indicação de data ou página):

O teatro infantil está passando por uma seriíssima crise de inventividade. (...) Lógico que existem as exceções, mas estamos muito precários em dramaturgia e em, encenação. Os autores ainda não descobriram que as crianças desse final de século não aguentam mais gente abobalhada no palco ensinando o bê-á-bá, enquanto a televisão se encarrega de mostrar cenas de sexo na novela das oito, filmes de violência explícita ou mesmo nos telejornais-verdade. A tentativa de idiotizar a platéia em função das montagens de quitanda, facilmente vendidas, é assustadora para o teatro. No Cabo, o problema foi gritante em "O Chapeuzinho Vermelho",



O Chapeuzinho Vermelho

da Lumiart Produções, dirigido por Didha Pereira. É um dos piores trabalhos já encenados nos palcos. (...) Encenação equivocada e óbvia, figurino esmulambado e malconcebido, atores afetados, espaço da ação perdido pela inexistência de signos, enfim, nada que prestasse. Só para ilustrar na visão do adaptador, a vozinha não havia sido engolida, pelo lobo mau, pois na verdade, ela era a She-Ra. Isso mesmo. E o caçador, o He-Man. Um acinte, mas não o único. A grande expectativa era "O Enigma de Cid", do Grupo da Gente – Grudage, dirigido pelo experiente Williams Sant'Anna, com respaldo de prêmios no Festival de Arcoverde. O espetáculo não se saiu bem, mas ratificou uma verdade incontestável, ninguém é favorito em festival. Tudo gira contra as expectativas e, mesmo os artistas mais repreensivamente técnicos, podem escorregar em cascas de banana no palco. (...) "Minha Infância Querida", da Oficina Novo Palco, apesar do texto cansado – de Maria Clara Machado – e da direção de Carlos Salles sem grandes méritos, tem talentos isolados no elenco. Normando Roberto e Cida Duarte sobressaem-se.



Minha Infância Querida

Na retrospectiva do ano, a crítica Ivana Moura registrou no *Diário de Pernambuco* (28 de dezembro de 1992):

As montagens infanto-juvenis ainda deixam a desejar. De remontagem em remontagem, *Mudanças no Galinheiro* agradou a moçadinha. "Tai Nahakã - A estrela da Manhã" [*Tainahakã – Estrelinha da Manhã*] direção de Romildo Moreira, quis chegar junto da poesia. "Os Três Porquinhos" pretenderam resgatar o tempo das fábulas numa época em que a garotada quer entender de computador. "A Revolta dos Brinquedos", um dos textos mais montados de Pernambuco de Oliveira, ganhou mais uma versão com direção de Elmar Castelo Branco. Se não sobrar muita saudade de 92, de uma questão o público pode ficar certo. O teatro existe e quer pulsar (...)

Na mesma matéria de capa, numa lista de "Valeu a pena ver", nenhum infantil foi citado, diferente de montagens adultas que estrearam naquele ano: *O Círculo da Vida*, concepção e encenação de João Denys, com os meninos do Cecosne; *A Grande Serpente*, texto de Racine Santos, encenação de Moncho Rodriguez com participantes do Curso Escola de Formação do Ator da Fundaj; *Assembléia de Deus*, texto e direção de Américo Barreto, pela Talento Produções; *Um Gesto Por Outro*, de Jean Tardieu, encenação de João Denys, pelo Grupo de Teatro Luiz Marinho, da Caixa Econômica Federal; *Seraphim Revisões*, repertório da Cia. de Teatro Seraphim, além da estreia de *O Concílio do Amor*, com direção de George Moura; *O Sem Nome*, de Strindberg, com o Mão Molenga Teatro de Bonecos; *As Criadas*, de Jean Genet, com direção de Williams Sant'Anna à frente da Cia. Théspis de Repertório; *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, com direção de Mar-

co Camarotti, pela Dramart Produções (espetáculo que perdurou por vinte anos); *Janos Adler*, de Luiz Felipe Botelho, direção de José Manoel, pelos alunos atores do Curso Básico da Fundaj e *Cinderela, a História Que Sua Mãe Não Contou...* (mesmo sendo de 1991), com texto de Henrique Celibi e direção de Jeison Wallace, pela Cia. Trupe do Barulho.

Sob direção de Didha Pereira, a Feteape abriu o ano de 1993 com uma campanha de popularização ao teatro, na realidade, a retomada do projeto Andançaço (iniciado em agosto de 1992, mas parado desde setembro por atraso da liberação de verbas da Fundarpe), e programou doze espetáculos para exibirem-se no Teatro Apolo até o final do mês de janeiro, sendo dois espetáculos adultos e um infantil juvenil a cada semana, com ingressos 50% mais baratos. As quatro produções direcionadas às crianças, todas estreadas no ano anterior, foram: *A Revolta dos Brinquedos*, de Pernambuco de Oliveira, com direção de Elmar Castelo Branco; *O Chapuzinho Vermelho*, de Maria Clara Machado, com direção de Didha Pereira; *O Enigma de Cid*, de Guto Greco, com direção de Williams Sant'Anna, pelo Grupo da Gente (Grudage), da cidade do Cabo de Santo Agostinho; e *Minha Infância Querida*, de Maria Clara Machado, sob direção de Carlos Salles, com a Oficina Novo Palco, do município do Paulista.

Janeiro é mês de férias e várias peças continuaram em cartaz ou surgiram como novidades do período. Das que trilharam carreira interessante, *Arlequim*, da Remo Produções Artísticas; *Mudanças no Galinheiro Mudam as Coisas Por Inteiro*, da Papagaios Produções Artísticas; e o musical ecológico infantil *O Bosque do Coração do Brasil*, de Marcos Sá, com direção de José Francisco Filho. Este último, permaneceu todos os domingos, às 10h30, no Teatro do Horto. O espetáculo tem como tema central a defesa da vida através das personagens Ipê Roxo, Casta-



O Bosque do Coração do Brasil

nhola, Cajueiro e um casal de pássaros que enfrentam um homem que quer destruir o bosque onde vivem, em nome do progresso. **No elenco renovado, Paulo de Castro (também na produção), Ivonete Melo, Buarque de Aquino, Galiana Brasil, Rozendelfo Santos, Valdir Nunes, Telma Cunha e a estreade Márcia Dias.**

Como 1º lançamento do ano, o espetáculo infantil juvenil *Viagem ao Mundo dos Sonhos*, da Showlândia Produções Artísticas, com produção e direção de José Cordeiro, ocupou o Teatro Valdemar de Oliveira aos sábados e domingos,



Viagem ao Mundo dos Sonhos

às 17 horas, por quase três meses. Com gastos de superprodução, a peça mostrava as precárias condições que viviam marujos num navio sem divertimento, só trabalhando. Até que eles provocam uma rebelião e convencem o chefe a deixar que a diversão também faça parte da vida do grupo. É assim que a trama mistura piratas, mágicos, bailarinas, sultões da Arábia e bonecos do mundo de Walt Disney. No elenco, quase os mesmos atores da produção anterior, *Brincadeiras de Crianças*, que permaneceu meses em cartaz nos teatros do Recife, em 1992: Giana Varchavisk, Nilson Muniz, Rosa Ratz, Fabíola Alves, Taciana Alves, Marta Reis, Lucy Cordeiro e José Cordeiro, este último, intérprete do Pirata Biruta. As coreografias eram de Nilson Muniz e os figurinos, criações de Dayse Pinheiro.

Ainda em janeiro estreou o musical *Travessuras do Pé-de-Anjo*, em cartaz aos sábados e domingos no Teatro de Marionetes Bonecartes, às 17 horas. No elenco, Laércio Júnior (também diretor), Sílvia Mariz, Hérison Gomes, Jailson Araújo, Wellington Silva, Jefferson Ricardo e as crianças Isabela Mariz e Joana Mariz. O *Diário de Pernambuco* (9 de janeiro de 1993) abordou a peça:

Apropriado para todas as idades, o espetáculo é conduzido pelo apresentador Preguito com a ajuda de seu contra-regra o Pé-de-Anjo que perturba com suas trapalhadas. Os números musicais são voltados para ecologia,

deixando uma mensagem de amor e cuidado pelos animais.

Com o passar dos meses, o ano de 1993 representou um período de intensa produção do teatro para crianças. De acordo com os jornais da época, foram contabilizadas vinte e seis estreias, além da continuidade de montagens lançadas em anos anteriores, momento em que finalmente foi assinada a Lei de Incentivo à Cultura do Estado de Pernambuco, que no decorrer dos anos mudou consideravelmente o mercado teatral no Estado. Pena que 1993 também marca o fim da Papagaios Produções Artísticas, uma das mais atuantes no seguimento para infância desde 1985, quase que exclusivamente com peças para crianças, nove ao total. A exceção ficou por conta da comédia adulta *O Outro Lado dos Lençóis*, de Walcyr Carrasco, dirigida por Pedro Henrique, em 1986. A montagem de despedida foi *Uma História de Amor*, texto de Jorge Amado, com adaptação e direção de Manoel Constantino, em cartaz de outubro a dezembro de 1993, no Teatro Barreto Júnior, produção que não foi bem recebida pelo crítico João Luiz Vieira no *Jornal do Commercio* (25 de novembro de 1993):

A Papagaio's (sic) Produções Artísticas foi considerada a melhor produtora de teatro infantil do ano passado, isso certamente graças ao espetáculo "Mudanças no Galinheiro Mudam as Coisas por Inteiro". Este ano, a produtora resolveu remontar um dos seus sucessos: a peça "Uma História de Amor", montada em meados dos anos 80. Um texto razoável, produtores competentes, um diretor tarimbado, um elenco de atores e técnicos experientes seriam motivos suficientes para, de novo, obter sucesso. Mas, o que se vê, de fato, no palco do Teatro Barreto Júnior, é um trabalho que reverte muitas de nossas



Uma História de Amor

expectativas favoráveis. O texto é uma adaptação do diretor, ator, e jornalista Manoel Constantino, inspirado em obra de Jorge Amado. Trata do amor impossível entre dois animais, por natureza, incompatíveis, um gato malhado e uma andorinha. Nenhum dos outros bichos aprova a relação – com exceção da Arara, que se deslancha pelo gato –, e os apaixonados têm de lutar contra suas diferenças para ser felizes e realizarem o sonho do casamento. O final não é feliz (...) Nada de mal se o texto não contivesse 60 lições de moral provérbios por minuto. Chegam a irritar a falta de sutileza e o excesso de mensagens edificantes. Tudo com a intenção de mostrar que amar sempre vale a pena, apesar dos obstáculos e dificuldades com que nos deparamos. Lindo. Dava até para engolir se a direção não tivesse tão desritmada, problema que se detecta na platéia, onde as crianças menores ficam impacientes e as maiores não esboçam reações. As marcações e movimentações de cena

nada acrescentam e a cenografia é simples e sem maiores adjetivos. Uma boa idéia, infelizmente malfinalizada, foi a do desenho de figurino. João Neto, um talento comprovado em diversos trabalhos, teve a feliz sugestão de descaracterizar as personagens, todas animais. Os atores deixaram de usar as batidíssimas fantasias de bichinho de estimação. No entanto, as atrizes parecem estar vestidas como rainhas de maracatu e os atores, bobos da corte. (...) Um figurino bem acabado e bonito de ver, porém absolutamente radical para uma melhor assimilação das crianças. Para facilitar, Neto teve a inspiração de usar máscaras como recurso de distanciamento brechtiano, para que ficasse clara a idéia de que eram atores representando animais (...) Contudo, esta só seria uma solução criativa e funcional se elas (as máscaras) estivessem melhor definidas. Os atores, a grande maioria, atuando há pelos menos uma década nos palcos, surpreendentemente, estão muito fracos. Márcia Cruz, como a Arara, é a única que desprende um certo carisma. Os demais estão apáticos em suas caracterizações – principalmente o protagonista Henrique Rodrigues, inexpressivo como o Gato Malhado.



Uma História de Amor

Ainda no elenco, Beto Nery, Manoel Constantino (em revezamento com Cláudio Tozer), Auricéia Fraga, Héli da Macedo e Aidil Araújo. Com atenção somente às escolas, o diretor, dramaturgo e produtor Paulo André Guimarães estreou dois novos trabalhos pela sua Companhia do Sol, *A Arca de Noé*, ainda no 1º semestre; e *A Lenda do Castelo*, ambos com texto e direção seus no Teatro Valdemar de Oliveira. Já *O Galo Jackson – O Astro do Rock*, naquele mesmo palco, aos finais de semana, foi a maior bilheteria do ano com produção de Antônio Bernardi, mesmo diante de críticas desfavoráveis na imprensa. A jornalista Ivana Moura pontuou no *Diário de Pernambuco* (13 de março de 1993):

O Galo Jackson – O Astro do Rock



O musical infantil “O Galo Jackson – O Astro do Rock”, em cartaz no Teatro Valdemar de Oliveira, repete todos os clichês e chavões que a garotada “acostumou-se” na televisão. Com um texto maniqueísta, de Antonio Bernardi, o espetáculo apresenta de um lado um galinho bonzinho e sedutor que quer tornar-se um astro do “show business”. Tão atraente que todas as galinhas do pedaço caem de amor por ele. Do outro lado os vilões que aparecem em cena para atrapalhar sua carreira promissora. Se não dá pra espremer e encontrar uma gota de poeticidade

no texto, a montagem, por sua vez, aceita os modelos estabelecidos. Isso não quer dizer que a direção de Carlos Carvalho, seja caótica, mas nos últimos anos faltam ao teatro pernambucano dedicado ao público infanto-juvenil os elementos que provoquem a imaginação, que empurrem a meninada para a reflexão. Situada nos anos 60, a peça tenta traçar um ambiente daquela época. Para isso lança mão dos figurinos, com direito a vestidos de bolinha e tudo o mais. Deve ter sido muito divertido para o diretor, Carlos Carvalho fazer este espetáculo. O resultado não chega a tanto para o público. Talvez as crianças menores achem-na engraçadinha. Há uma movimentação de cena e um colorido que podem até impressionar. Para criar o espetáculo, Carvalho foi buscar “inspiração” em “Dançando na Chuva”, com Gene Kelly, com o ator e bailarino Otacílio Júnior sapateando, sem chuva, é claro. Enquanto ele recua no tempo para ir “buscar” essa imagem, ao mesmo tempo avança para a década de 80 para pegar o modelo do cantor e compositor Falcão (bom, bonito e joiado, de “I’m not dog not”) para



O Galo Jackson – O Astro do Rock

na interpretação do Crista Vermelha - o rival do Jackson - por Beto Rezende (com uma expressão corporal hilária, mesmo que batida. O Frangel, também com cheiro de já - vi - "encarnado" por Michele Samer é um dos personagens mais engraçados da peça. Atrapalhado, submisso, ele trabalha para o Cristovão Raposão (Clauson (sic) Vieira) e consegue fazer tudo errado. Aliás, as atuações dos quatro atores e mais da Mãe (Carmelita Pereira) mesmo sem se tratar de nada de muito original, correm corretas. (...) Para um Público que (...) contenta-se com abordagem superficial (um espetáculo leve não quer dizer sem consistência de fantasia ou aprendizado), encara umas piadinhas, (que às vezes dá pra rir), "O Galo Jackson" pode ser uma pedida.

Outras peças também entraram em cartaz em 1993, muitas delas dividindo o mesmo teatro, uma após outra, com tempo mínimo para ordenação da luz. O que se viu foi uma precariedade técnica que deu dó. São também deste período: *A Dama e o Vagabundo*, com adaptação de Antônio Nogueira, direção de Edílson Rygaard e produção de Cristiano Lins (no elenco, Sheyla Costa, Cristiane de Cássis, Antônio Júnior, Itacy Henriques, André Trinidad, Sandra Mesquita e Antônio Carlos Mergulhão - Bobby Mergulhão);

A Dama e o Vagabundo



*Mão de Ferro e a Estrela Cadente*, com direção de Odé Félix; *Pulem! O Barquinho Vai Afundar*, com direção de Ivaldo Cunha Filho, pela Mandacaru Produções Artísticas; e *Bandeira de São João*, única produção teatral da Compassos Cia. de Dança e Teatro, com direção de Almir Rodrigues e coreografada por Raimundo Branco (com Anamaria Sobral, Patrícia Costa, Sandra Rino, Fabiana Coelho e Gustavo de Melo, entre outros).

Bandeira de São João



Guerreiros da Bagunça

*Guerreiros da Bagunça*, de Guto Greco, com direção de Carlos Salles e assinatura do Haja Teatro, foi outra montagem daquele momento, com Taveira Júnior, Samuel Santos e Fátima Pontes, entre outros; assim como *A Branca de Neve e os Sete Anões*, da Lumiart Produções, com texto e direção de Didha Pereira; *Memórias de Uma Gatinha Impressora*, texto de Ana Maria Bhrer, adaptado por Nilza Lisboa e Lúcia Machado, com direção desta última, com Nilza Lisboa, Fátima Pontes e Leila Freitas, entre os intérpretes;



Beleléu Existe Mesmo



A Formiga Fofqueira



Era Uma Vez



A Cigarra e a Formiga

*Beleléu Existe Mesmo*, de Ramon Palluto, pelo Grupo Beijo na Boca, dirigido por Beto Xavier; e *Era Uma Vez*, produção do Mão Molenga Teatro de Bonecos, com a bruxa Barafunda querendo ser princesa no lugar da Rapunzel.

Pela Remo Produções Artísticas e Mambembe Produções, a encenação de *Vida de Cachorro*, de Flávio de Souza, pelo diretor José Manoel, circulou por dezenas de escolas em um teatro móvel. No elenco, Teka Miranda, Picchetto Saianni, Luciana Cavalcanti (Luciana Canti), Dárdana Rangel, Flávio Renovatto e André de França. Outros lançamentos foram *O Medalhão Mágico*, de David Houston, com direção de Edinaldo Cavalcanti, aos domingos pela manhã no Teatro do Sesc; *Sonho de Natal*, do Teatro de

Marionetes Bonecartes, com direção de Laércio Júnior; *Aventuras de Aladim*, da Showlândia Produções Artísticas, com direção de José Cordeiro; *O Pastoril do Véio Cangote*, com o grupo de marionetes Titeritando na Boléia, em cartaz no Teatro do Horto; *A Formiga Fofqueira*, do Grupo Teatral LC Produarte, com direção de Izaltino Caetano; *A Cigarra e a Formiga*, com direção de Jorge de Souza, que permaneceu em cartaz no Teatro do Sesc; *Circo Oi Oi Oi*, espetáculo que reunia palhaços, equilibrista, mabaristas, mágicos, esquetes e encenações com bonecos animais, na Fundação Cecosne; e shows infantis como *A Caravana do Seu Boneco*, *O Mundo Mágico do Circo*, e *Palhaço Chocolate*.

Ainda que massacradas pela crítica, as peças *Minha Infância Querida*, dirigida por Carlos Salles, e *O Bem-Te-Vi*, com direção de Izaltino Caetano, também cumpriram temporada em



1993, respectivamente no Teatro Barreto Júnior e Teatro Apolo. *Minha Infância Querida* e *O Enigma de Cid*, esta última do Grudage, por sua vez, foram das mais elogiadas na II Mostra de Teatro Amador em Serra Talhada. Na cidade de Tuparetama, o seguimento para a infância foi lembrado na III Mostra de Teatro Amador, com premiações para dois destaques, a peça *Pluft, o Fantasminha*, da Etearc (Equipe Teatral de Arcoverde), e *O Boi da Lua*, do Grupo Paulista. Por outras cidades, surgiram *A Volta de Bruxelas*, com texto e direção de Geraldo Cosmo e Josenildo José, pelo Grupo Teatral Risadinha, do município de Camaragibe; e esta versão de *Pluft, o Fantasminha*, de Maria Clara Machado, com a Etearc voltando às atividades após um período inativa, agora sob direção de Geraldo Barros e com o subtítulo Grupo Novo Horizonte.

Em dezembro de 1993, Enéas Alvarez, criador do Festival de Teatro de Bolso do Recife (Tebo), insatisfeito com as críticas ao evento, segundo ele, chamado de “lixo” pela imprensa, anunciou sua penúltima edição. “Por mim e por Sônia (Medeiros), basta de trabalho amador em Festival. Amamos muito, nesses 14 anos sem ser suficientemente amados”, desabafou no *Jornal do Commercio* (8 de dezembro de 1993). Naquela XIV edição, no Teatro do Forte, participou a Cia. de Teatro Paulista com a peça infantil *Na Terra Mágica das Fadas*, texto e direção de Leandro Mariz, sem levar prêmio algum.

Os maiores elogios de 1993 voltaram-se, de fato, para as peças *As Incríveis Aventuras do Barão Langsdorff*, parceria entre a TTTTrês Produções Artísticas e a Terceiridade Teatral, com os atores Flávio Santos, Vanise Souza, Sílvia Paiva, Ivone Cordeiro, Érico José, George Demétrios, Paulo André Viana (substituído eventualmente por Epitácio Nunes e, posteriormente, por Raimundo Balta), Robson Silveira e Rudimar Constâncio; e *A Bela e a Fera*, parceria da Portugal Produções com Antônio Bernardi, tendo no



A Bela e a Fera

elenco os atores Cybelle Jácome, Alberto Brigadeiro, Janine Aroucha, Luiz César, Lellu Silveira, Paulo Henrique (Paulo Henrique Ferreira) e Chico Domingos; Na retrospectiva do ano publicada no *Diário de Pernambuco* (31 de dezembro de 1993), Ivana Moura atestou que pouco se salvava do teatro para a infância e juventude, mas lembrou destas duas elogiadas montagens:

O panorama do teatro infanto-juvenil, em 1993, foi desanimador. As montagens saltaram aos olhos, quantitativamente o que não foi acompanhado por um “selo” de qualidade. Textos inadequadamente escolhidos para os elencos com uma linguagem indefinida, ou mesmo desvirtuadoS (sic) com os anseios da criança adolescente desta nova era, em que a televisão, o videogame e os eletrônicos exercem poder e

fascínio quase inapeláveis. Diante deste contexto, um jovem produtor, Antônio Bernardi, investe no filão e sabe tirar proveito. Produtor por natureza, ele consegue manter casas cheias, com auxílio de patrocinadores, e da mídia, mas em contrapartida só aposta neste retorno de bilheteria. Sua visão abre brechas para pesquisas apuradas. Em contrapartida paga bons cachês para seus atores, como aconteceu com o espetáculo "O Galo Jackson", um sucesso de bilheteria. Uma característica que imperando dos últimos anos – de adaptações dos contos e fábulas infantis – também teve espaço neste período, "Branca de Neve e os 7 Anões" dirigida por Didha Pereira e "A Bela e a Fera" são dois exemplos. A segunda, com



Aventuras de Aladim

encenação de Luiz Felipe Botelho, que na estreia estava meio acanhada, revelou sua beleza com afinação do elenco, ao longo da temporada. Os elementos como o teatro de sombras, que não estava funcionando muito bem no início, ganharam força. E como o teatro tem este poder de ser ao vivo e efêmero, a peça alcançou um ponto de beleza, para mostrar a garotada, como diz Saint Exupéry, que o mais importante é invisível aos olhos. Sem inovação – Mas nem todos guiaram o mesmo rumo. "Viagem ao Mundo dos Sonhos", e as "Aventuras de Aladim" são duas peças que não mereciam o nome de teatro. A segunda, na sola do sucesso do filme, é de um oportunismo preocupante com a responsabilidade que se deve ter com a formação dessa jovem e crescente platéia. A outra era uma salada de tantos elementos mal organizados sem a menor criticidade. A lista é longa. Montagens ruins para esta platéia específica não faltaram. "Memórias de



A Branca de Neve e os Sete Anões



Memórias de Uma Gatinha Impressora

uma Gatinha Impressora”, que estreou no horário da tarde do Teatro do Espaço Cultural Arlecchino – um dos novos espaços para a Cidade – engasgou-se na falta de clareza. Ora queria tratar os pequenos como “tolinhos”, ora como verdadeiros gênios mirins. Mas a mão da diretora Lúcia Machado mostrou-se realmente trêmula na indefinição de uma linguagem inovadora que ela anunciou. Partindo para umas expedições pelos rios brasileiros o espetáculo “As Incríveis Aventuras do Barão Langsdorff” caminhou na contramão do que é feito para o público infanto-juvenil. Escrita por Sidnei Cruz e dirigido por José Manoel, a montagem imprimiu um tom poético, numa aventura apaixonante pelas entranhas do Brasil. A remontagem “Uma História de Amor” trouxe de volta ao palco do Teatro Barreto Júnior os amores impossíveis, e das paixões repentinas e passageiras como chuvas de verão.

Em sua visão, o teatro não ia nada bem. Para complementar, listou uma série de peças adultas que deram panorama bem completo daquele ano. João Denys foi elogiado pela encenação do seu texto *Deus Danado*, assim como Antonio Cadengue por *Senhora dos Afogados*, de Nelson Rodrigues, e João Falcão por *Mamãe Não Pode Saber*. O musical *Auto das 7 Luas de Barro*, texto e direção de Vital Santos, depois de quatorze anos de sua criação original, finalmen-

te chegou ao Recife para curta temporada no Teatro Barreto Júnior (naquele ano, em Caruaru, o Teatro Experimental de Arte, sob direção de Arary Marrocos, produziu *A Bruxinha Que Era Boa*; e, em Surubim, com direção de Ernandez Silva, o Grupo Fantasia Teatro e Dança montou *Pluft*, o *Fantasminha*, duas obras de Maria Clara Machado). *Cinderela*, a *História Que Sua Mãe Não Contou...* conseguiu o status de fenômeno. *Assembléias de Deusas*, de Américo Barreto e Fábio Costa, também agradou a quem queria rir. E o Teatro de Amadores de Pernambuco renovou seu elenco com duas novas montagens, a comédia *Solteira É Que Não Fico*, de Gastão Tojeiro, e o drama *O Diário de Anne Frank*, de F. Goodrich e Albert Hackett.

Mesmo enfrentando ausência de patrocinadores, o teatro pernambucano seguiu em frente. E ainda que 1994 tenha sido considerado um ano “emperrado”, pela pouca produção, contou com montagens de reconhecido valor. Foram três os trabalhos mais elogiados: duas continuações, *As Incríveis Aventuras do Barão Langsdorff*, com direção de José Manoel, em cartaz no Teatro José Cavalcanti Borges; e *A Bela e a Fera*, adaptação de Luiz Felipe Botelho, pela Portugal Produções em parceria com Antônio Bernardi Produções, em cartaz no Teatro Barreto Júnior; além de uma estreia de peso, *Uma Pequena Sereia*, direção e produção de Roberto Costa em assumida adaptação do filme da Disney. **Tendo a atriz Mônica Vilarim como protagonista**, a peça agradou ao público e ganhou destaque pela crítica Ivana Moura no *Diário de Pernambuco* (7 de fevereiro de 1994):

Das telas do cinema “Uma Pequena Sereia” desembocou no Teatro Valdeimar de Oliveira (...) Nesta montagem, adaptada e dirigida por Roberto Costa, a produção aposta na magia da história (já bem conhecida da telona), na bela sonoplastia e no apuro visual (guarda-



Uma Pequena Sereia



da a devida proporção entre todos os recursos e “efeitos” cinematográficos e as “limitações” do teatro). A direção, junto com o cenógrafo Alexandre Amanuel encontrou solução inteligente para dividir os dois planos de ação em que se passam a peça. O reino de Tritão e suas filhas sereias, da “bruxa” Úrsula e outros bichinhos do mar e o castelo do príncipe Érick. (...) Roberto Costa conseguiu encadear uma cena sem atropelos e com alguns momentos tocantes, principalmente das dublagens. Trata-se de um espetáculo infanto-juvenil bem produzido e com endereço certo: lotar o teatro. (...) Os adereços de Edilson Rygaard e a iluminação de Triana Cavalcanti possibilitam uma atmosfera mágica para traçar esse

enredo das impossibilidades humanas, medos e fofocagem em todos os reinos e mostrar que só o amor conhece o caminho das pedras, apesar de todas as dificuldades do percurso. O elenco é irregular. Seria maravilhoso se fosse diferente. Uma trupe de 17 atores de primeira numa única montagem. Mas Roberto Costa tenta garantir a formação de seus novos profissionais, para as próximas sessões. Mesmo assim podemos citar alguns destaques. Além da protagonista, a princesa Ariel, interpretada por Mônica Vilarin (sic), temos Edilson Ryggard e Luciano Rodrigues (...) Eduardo Vaz (o príncipe Érick) tem uma boa presença cênica e faz seu papel com muita suavidade. Enfim, o canto dessa pequena sereia, que em alguns momentos utiliza até cenas do longa metragem de animação no fundo do palco, pretende com sua delicadeza e uma produção bem executada, afinação das cenas, um figurino atraente e uma historinha bem contada, cair no gosto da garotada.

*As Incríveis Aventuras do Barão Langsdorff* também recebeu avaliação de Ivana Moura no *Diário de Pernambuco* (19 de março de 1994):

“As Incríveis Aventuras do Barão Langsdorff”, que retoma sua temporada, aos sábados e domingos, às 16h30, no Teatro José Carlos Cavalcanti Borges, traz um ritmo que não envereda pelo alucinante, de correrias no palco, gritarias, danças e aeróbicas. A encenação segue um compasso diferente. Caminha a passos largos pelas entranhas do Brasil e pela história não oficial. Os episódios estão situados entre 1824 e 1829. Um cônsul russo, pacifista e apaixonado pela pesquisa científica,



As incríveis Aventuras do Barão Langsdorff

comanda uma expedição diferente. Ele quer conhecer o âmago da mata e atravessa rios, enfrenta cobras e lagartos para chegar lá. O texto de Sidnei Cruz, baseado em fatos reais, está pontuado de fantasias e sonhos. Repleta de imagens, a peça conduz o espectador por essa aventura com muita poeticidade. Já a encenação de José Manoel mergulha de cabeça nessa construção dramática. E prova o poder do teatro. Sem fazer concessões às bulas de sucesso, o espetáculo persegue o lúdico, a essência teatral para essa faixa etária. Não há nada grandiloquente. Os elementos se harmonizam como um concerto de câmara. Sutil, paulatinamente vai seduzindo a platéia. Entre músicas e efeitos sonoros (a direção musical é de André Filho) a peça se desenvolve num clima bem marcado. As incertezas do desconhecido, o medo, as dificuldades enfrentadas não fizeram arrefecer a solidariedade e o espírito de investigação do barão. E a montagem passeia tom sobre tom para destacar esses valores e suas contradições. Ao enfrentar regiões inóspitas, esse barão

poeta, um misto de cientista e visionário, vai até as últimas consequências para atingir seus objetivos. A direção de José Manoel explora bem as idéias do autor, acrescentando outras, como da dignidade humana mesmo quando frente a frente com perigos mortais. "As Inscríveis Aventuras do Barão Langsdorff" é um espetáculo delicado. Os atores estão bem entrosados. As atuações são convincentes, com destaque para as interpretações de Flávio Santos, que faz o barão e Érico José (que além de atuar como ator toca e canta muito bem). Os figurinos, cenários e iluminação criam um clima adequado para o público seguir esse itinerário. E a força dessa história concentra-se nessa poeticidade que a direção imprime em todas as cenas. Um bom espetáculo para refletir sobre a nossa história, nossas riquezas, e até mesmo o que é possível cada um fazer no mundo.

Outras montagens do período que continuaram carreira de sucesso foram *O Bosque do Coração do Brasil*, da Paulo de Castro Produções Artísticas, em temporada no Horto de Dois Irmãos,

com os atores Ivonete Melo, Galiana Brasil, Telma Cunha, Cláudia Santos, Paulo de Castro, Buarque de Aquino e o garoto Daniel Castro; assim como *Os Saltimbancos*, da Cristiano Lins Produções, no Teatro de Santa Isabel (agora com os atores Leno Pereira, Marcélio Rabelo, Vivianne Belanger e Melina Cristian, além de coro formado por quatro bailarinas e doze crianças, entre elas, Taidênio Lopes – Tay Lopez, Leandro Mariz, Sílvio Tenório, Talita da Fonte e Esdras Barros). A remontagem desta conhecida obra musical chamou a atenção de Ivana Moura no *Diário de Pernambuco* (21 de fevereiro de 1994):

O encanto da peça “Os Saltimbancos” de Chico Buarque de Holanda abre uma visão caleidoscópica. Inclui que cada um pode ser o dono do seu destino, tomar o leme do mar revolto da vida e conduzi-la devagarinho, construindo passo a passo; convoca valores como respeito, inclusive às limitações individuais; lembra da força que pode ter a união e que as tristezas fazem parte da vivência. Tudo isso numa linguagem que conduz a variadas leituras, dependendo “do talento individual de cada um” como diria Jorge Ben Jor. O texto é uma crítica bem-humorada baseado em “Os Músicos de Bremen”, conto popular alemão recolhido pelos irmãos Grimm e que ganhou um novo tratamento do italiano Sérgio Bardotti traduzido e adaptado por Chico. Sua montagem é praticamente segurança de sucesso. E não deu outra. Montado há dois anos por Cristiano Lins Produções bateu recorde de público. Em nove meses de temporada 54 mil pessoas viram o espetáculo, mais as apresentações para escolas, somando 78 mil espectadores, segundo a administração do Te-



Os Saltimbancos

atro Valdemar de Oliveira. O público pediu, Cristiano Lins atendeu ao apelo. Desde sábado, o espetáculo está de volta, desta vez, no Teatro de Santa Isabel, aos sábados e domingos, às 16h30, com previsão de ocupar a pauta até o final de março. (...) O espetáculo é pontado por belas músicas de Chico Buarque, e a produção procura tirar partido. Mas fica difícil montar este texto impunemente. A remontagem tem altos e baixos. Enquanto a trilha está rolando cria uma empatia com a plateia. A presença de crianças no elenco também serve para aproximar o público mirim. Desta vez a encenação traz a assinatura de Cristiano Lins, mas ele confessa que só modificou algumas marcas. Com atuações individuais fracas o espetáculo, apoia-se mesmo nas músicas. As coreografias são simples, e no conjunto possibilitam um visual agradável. A produção escolheu o caminho da caracterização



Os Saltimbancos

dos animais. Os figurinos são praticamente os mesmos da montagem anterior, de fácil identificação pelo público. “Os Saltimbancos”, pelo menos na (re) estréia mostrou-se um espetáculo regular, mas que vai cair no gosto da garotada. (...) E entra o jumento para contar sua história. Falta força ao ator e também um pouco de sedução, que só se estabelece quando a música começa. E assim vão chegando um-a-um os bichos – galinha, cachorro e gata – que fogem da opressão. Cada um tem seu pequeno espaço para contar suas agruras. E o problema reside justamente nesses momentos de contar as histórias. O espetáculo cai. A gata é mais charmosa e tenta tirar partido disso. A direção resolveu “encher” o palco com um coro infantil, mas que tem uma função ilustrativa dentro do conjunto. As músicas utilizadas foram gravadas pelos atores na outra montagem. A direção de ator é fraca. Dirigir não é o forte de Cristiano Lins. Há uma transposição das marcas indicadas pelo autor. A iluminação, também de Lins, parece com uma discoteca piscando, nos momentos das coreografias. (...) Como o texto é bom e as músicas, além de conhecidas, são belas, o espetáculo “Os Saltimbancos” desperta o lado infantil de todos nós. Mesmo que não haja vãos imaginativos (...)

Também vale citar trabalhos mais simples, como *A Formiga Fofqueira*, do ano anterior, texto do carioca Carlos Nobre dirigido por Izaltino Caetano, pelo Grupo Teatral LC Produarte, em temporada no Teatro do Sesc de Santo Amaro, contando com os atores André Luiz, Carlos Leandro, Sheyla Costa, Josy Barreto, Marcos Paulo e Wellington Alves; *O Mundo Mágico do Circo*, criação e direção de Paulo de Castro, outra opção do Horto de Dois Irmãos; *Rapunzel à Brasileira*, do Teatro de Marionetes Boncartes; *Chapeuzinho Verde* (sem dados na imprensa sobre seus realizadores), que entrou em cartaz no Espaço Arlecchino; além de *TV Doglândia*, produção inspirada no

Rapunzel à Brasileira



TV Doglândia

programa global *TV Colosso*, com presença da cadela Priscilla e com o diretor e produtor José Cordeiro à frente de mais uma realização da Showlândia Produções Artísticas, em cartaz na sala Alfredo de Oliveira, um anexo do Teatro Valdemar de Oliveira.

Estreada em 1993, a peça *A Branca de Neve e os Sete Anões*, com texto e direção de Didha Pereira, pela Marcus Siqueira Produções Artísticas em parceria com a Lumiart Produções, retomou temporada aos domingos, às 10h30, no Teatro Barreto Júnior, em festa do seu 1º ano em cartaz. No elenco, Pedro Dias, Carmelita Pereira, Mônica Holanda, Juraci Vicente, Cássia Mascena, Odé Félix, Samuel Santos, Feliciano Félix (que assumiu a presidência da Feteape a partir daquele ano), Benício Donato, Edílson Boa Vista, Marquinhos Varella e Luciana Cavalcanti (Luciana Canti). Foram substitutos: Ademir Trajano, Hanstalvers Lopes, Antônio Roosevelt, Vida Barbalho e Eliane Luna. O diretor Didha Pereira ainda em 1994 estreou *A Lenda do Boto Encantado*, texto de Fernando Luce, pela Marcus Siqueira Produções Artísticas. Estavam no elenco os atores Quiercles Santana, Demétrio Rangel, Carmelita Pereira, Ademir Trajano, Juraci Vicente, Frank Souza, Odé Félix e Marquinhos Varella. Após esta montagem, Didha Pereira passou um bom tempo sem produzir nada novo.

A Lenda do Boto Encantado



No final de julho de 1994, alunos do Curso de Teatro Infantil do Instituto de Cultura Técnica estrearam, no palco do Teatro José Carlos Cavalcanti Borges, o espetáculo *Os Brinquedos Maltratados*, com texto das próprias crianças e direção da professora do curso, Cristina Nascimento, em única seção. Neste momento, todos os nove projetos apresentados à Comissão Julgadora do Prêmio Auxílio-Montagem – Versão 94, distribuído pela Fundarpe, foram aprovados. No segmento de teatro para todas as idades, estavam *A Dança dos Bonecos*, do Grupo Gestus; *A Lenda do Boto Encantado*, da Marcus Siqueira Produções Artísticas; *Quando Se Deu o Eclipse*, do Grupo Cênico Chesf; e *Seu Sol, Dona Lua*, da Circus Produções Artísticas. Naquele mês de julho, o IV Festival de Inverno de Garanhuns recebeu como produções para a criançada, *O Bosque do Coração do Brasil*, *Maria Borracheira*, *Os Saltimbancos*, *A Branca de Neve e os Sete Anões*, *Arlequim*, *Flicts* e *Viajem ao Senso da Realidade*.

Outras realizações na capital pernambucana foram *Notre Dame de Paris*, pela Tramp's Produções Artísticas, texto de Marcos Monteiro da Costa dirigido por Normando Roberto Santos, com os atores Rosa Fernandes, Fábio Monteiro, Zácara Garcia, André Neves, Pedro Ivo e Mirtes

Notre Dame de Paris







Quando Se Deu o Eclipse

Tabajara (Mirtes Nunes), entre outros; além de *Quando Se Deu o Eclipse* (sem registro do autor na imprensa), sob direção de Odé Félix para o Grupo Cênico Chesf, com Jacqueline Saunders, Josenildo Pininga, Sidney Eiras, Artur de França e Eya Miranda no elenco. Já a Companhia do Sol fez nova versão de *O Mistério das Outras Cores*, para o 1º semestre, no Teatro Valdemar de Oliveira, e lançou *O Príncipe e o Mendigo* no semestre seguinte, ambos com texto e direção de

O Príncipe e o Mendigo



Paulo André Guimarães, realizações específicas para escolas. Nesta 2ª produção do ano, destaque para Mônica Vilarim, Edilson Rygaard, Jeison Wallace, Ivan Leite e Helena Hoffmann no elenco. Mas um dos mais comentados espetáculos de 1994 foi *Peter Pan*, adaptação de Rui Costa, com direção de Manoel Constantino, pela Lumiart Produções, porque gerou tremenda insatisfação na jornalista Flávia de Gusmão ao acompanhar uma das sessões no Teatro Apolo, com ela publicando texto crítico no *Jornal do Commercio* (4 de agosto de 1994) sob o título "Um desrespeito ao bolso dos pais e à mente infantil":

Minha filha, Clara, tem três anos e adora teatro infantil. (...) Desconfio que ela quer me atingir, talvez algum tipo de complexo de Electra precoce. Desta vez, quis assistir a "Peter Pan" (...) Fui e a primeira reação foi de espanto. (...) diante da falta de qualidade do espetáculo cometido por um diretor que tem coisas bem significativas em seu currículo. "Peter Pan" é o retrato do nosso teatro infantil, no que ele tem de pior: mal dirigido, mal encenado, mal interpretado, mal escrito. O tipo de espetáculo feito para angariar alguns tostões de pais desesperados por uma distração para sua prole. Se alguém disser que existe alguma proposta artística naquele amontoado de tolices, eu vou virar crocodilo. Clara é culpada de tudo, mas não se pode acusá-la de espectadora passiva. Ela observa tanto e tão bem, que às vezes desconfio que ela é uma anã e não uma criança. "Manhê, vai ter aniversário?" Não entendi, a princípio, mas passei uma vista no cenário e me deparei com a razão da pergunta: os frutos dos coqueiros eram bolas de soprar, verdes. Isto me levou a uma análise mais detalhada do que estava em cena. Para começar não havia qualquer respeito

ao que se chama de marcação cênica: os atores corriam do navio do Capitão Gancho para a Casa de Peter Pan sem a menor cerimônia. A ilhota onde ficava a sereia (só depois de algum tempo descobri que a tal personagem era uma sereia, justamente quando Clara, preocupadíssima, me perguntava a todo instante quem era aquela mulher) só não era mais deslocada que a própria personagem – uma mistura de ialorixá e destaque de escola de samba. O roteiro é apenas uma mutilação tosca do texto de James M. Barrie. Não evidencia a dualidade entre ser adulto ou criança, não põe em cheque a crença nas fadas, não comove com a ausência materna (o caso das crianças perdidas na Terra do Nunca) e ainda premia com pérolas de sintaxe como esta: “Quando a gente faz coisa errada não devemos nos esconder”. A interpretação dos atores, sem exceções honrosas, beira o esteriótipo (sic) de que criança é retardada mental: Wendy grita, Peter Pan saltita. Capitão Gancho parece ter se inspirado em José Wilker, Barrica exagera. Sininho não sabe se fala ou fica muda e Pedrinho faz cara de bobo. Rubinho não existe e Raio de Sol faz cara de quem comeu e não gostou. E para não dizerem que eu só falei mal, o crocodilo é o dez. Chega, eu e Clara (e quem mais quiser se juntar) vamos fazer um movimento em prol do retorno da inteligência aos palcos infantis da cidade.

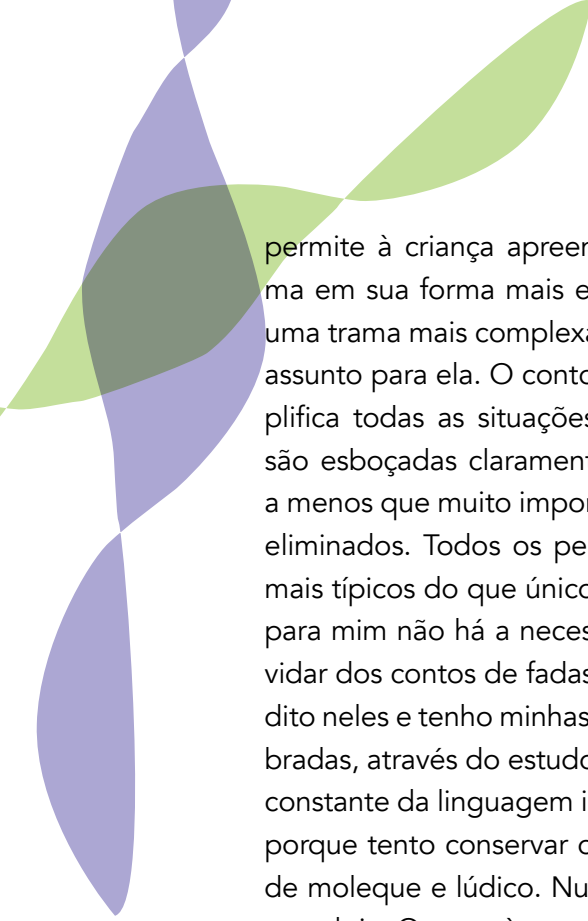
No elenco, Pedro Dias (Peter Pan), Samuel Santos (Capitão Gancho), Rui Costa (Barrica), Cássia Mascena (Sininho), Mônica Holanda (Crocodilo/Sereia), Taveira Júnior (Pedrinho), Auristela Rangel (Índia Raio de Sol), Benício Donato (Rubinho) e Eliane Luna (Wendy). O diretor da peça, Manoel Constantino, não gostou do que leu e res-



Peter Pan

pondeu ao *Jornal do Commercio* (20 de agosto de 1994), rebatendo a crítica e defendendo a proposta do seu espetáculo:

Na sua dissertação de “mãe que busca desesperada uma distração para sua prole”, Flávia de Gusmão, infelizmente deixa transparecer um certo mau humor em ter de cumprir a “obrigação de satisfazer o desejo da pequena Clara, sua filha, que, e felizmente, fica atenta aos espetáculos infantis a que tem a oportunidade de assistir. Infelizmente, muitos pais querem que as mentes dos filhos funcionem como as suas – como se uma compreensão madura sobre nós mesmos e o mundo, e nossas idéias sobre o significado da vida não tivessem que se desenvolver passo a passo, tanto quanto nossos corpos e mentes. (...) Creio que o adulto pode e deve questionar os contos de fadas, mas para mim, enquanto artista, tais histórias são fundamentais para que as crianças encontrem o que é significativo para suas vidas. E quando a Flávia de Gusmão critica a bobagem, para ela, do texto, montagem e interpretação, esquece que é característico dos contos de fadas colocar um dilema existencial de forma breve e categórica. Isto



permite à criança apreender o problema em sua forma mais essencial, onde uma trama mais complexa confundiria o assunto para ela. O conto de fadas simplifica todas as situações. Suas figuras são esboçadas claramente, e detalhes, a menos que muito importante (sic), são eliminados. Todos os personagens são mais típicos do que únicos, e, portanto, para mim não há a necessidade de duvidar dos contos de fadas, porque acredito neles e tenho minhas razões vislumbradas, através do estudo e observação constante da linguagem infantil, e ainda porque tento conservar o que me resta de moleque e lúdico. Numa boa e sem nostalgia. Quanto à montagem de “Peter Pan” é óbvia minha opção pela simples arquitetura de um espetáculo, sem rebuscamentos cinematográficos. Não senti a necessidade, por exemplo, de pôr coqueiros e cocos de verdade no palco, compreendendo que a criança acredita no faz-de-conta, sem perder o famoso fio da realidade, sendo necessário, entretanto, o estabelecimento de convenções básicas, do propor: “Este é o jogo”. Quanto à análise propriamente dita de um espetáculo infantil, há que se considerar inúmeros elementos para que se chegue à conclusão de que isto ou aquilo é ruim ou bom. (...) É claro que em “Peter Pan” existem falhas e agradeço por me alertar, cara Flávia de Gusmão, mas também é perceptível para os pais que vão acompanhando os seus filhos com predisposição, abertos, encontrarem elementos espetaculares que agradam e, quanto aos filhos, basta ficarem atentos ao brilho dos olhos, às perguntas e deixá-los livres para o questionamento, para o imaginário; achar ruim, querer ir embora, etc. Para finalizar, acho que é insinuar, numa crí-

tica, que a produção de “Peter Pan” se propõe a “angariar alguns tostões” num “desrespeito ao bolso dos pais e à mente infantil”, porque estaremos propondo, por uma única via perigosa, formar opinião. Querida Flávia de Gusmão, até os encontros da vida são relativos. E é terrível, qualquer um de nós artistas, jornalistas, impor uma visão unilateral ao seu público. Faz-se necessário que o exercício da crítica tenha, em suas bases, a imparcialidade com o conhecimento de causa, o estar aberto aliado ao equilíbrio da razão e emoção e, por isso, proponho ao Caderno C realizar, juntamente com a produção de “Peter Pan”, uma pesquisa com o público frequentador do Teatro Apolo, sobre a validade ou não do espetáculo em pauta. Uma criança, entre 7/9 anos, ao sair do espetáculo, foi abraçar “Wendy” e, espontaneamente, disse, categoricamente: “Eu já sabia da história. Eu vi no cinema, mas no teatro é bem melhor! Pena que naquele momento eu não estava com um gravador em mão. Apenas me senti, outra vez, moleque.

Com ótimo público, *O Mundo Mágico de Oz – O Regresso* foi mais uma grande realização do produtor Antônio Bernardi, com direção de José Manoel. No elenco, entre outros, Paulo de Pontes, Beto Resende, Elaine Kauffman, Paula Polo, Michele Samer e Nil Marcondes. Em cartaz no Teatro Valdemar de Oliveira, a peça recebeu crítica de João Luiz Vieira no *Jornal do Commercio* (7 de julho de 1994), insinuando que o diretor “perdeu o caminho”:

Nem todos conseguem seguir a “estrada de tijolos amarelos” proposta à desorientada adolescente Dorothy em “O Mágico de Oz”, a mais que conhecida fábula da literatura norte-americana,



O Mundo  
Mágico de Oz –  
O Regresso

escrita por L. Frank Baum (...) O diretor José Manoel tentou acertar o caminho, mas não realizou uma dinâmica adaptação da obra para o teatro, embora tenha ratificado sua criatividade em algumas soluções cênicas. Os problemas maiores de "O Mundo Mágico de Oz – O Regresso", em cartaz no Teatro Valdemar de Oliveira, são o texto, fraquinho, e o despreparo de alguns atores. (...) Acertou na construção da protagonista, dando-lhe força e menos ingenuidade (Elaine Kaufmann (sic), que desempenha o papel, está ótima), no desenho de alguns cenários (a cidade de Oz está rica e os adereços são funcionais) e figurinos (o do Prefeito, vivido pelo ator Paulo de Pontes, é uma das melhores criações já vistas em nossos palcos). Em compensação, poderia ter solucionado melhor o destino do cãozinho da Do-

rothy que terminou como bichinho de pelúcia, numa mochila nas costas da garota. A antagonista da história, a Bruxa Mamby, uma das mais terríveis vilãs que a gurizada conhece, é tão frágil na peça quanto o Cabeça de Abóbora [Michele Samer], seu escravo. A atriz Paula Polo está completamente deslocada no papel. A peça, inclusive perde muito do suspense e da emoção da história por inexistência das forças do mal. É tudo muito fácil para Dorothy e seus amigos. De qualquer maneira, a gurizada tem gostado do embate e garante ao produtor Antônio Bernardi casa cheia todo final de semana.

Para além da capital pernambucana, em Caruaru estreou *O Baile do Menino Deus*, texto de Ronaldo Correia de Brito e Assis Lima, com direção de Arary Marrocos, pelo elenco do Teatro Experimental de Arte (TEA); e *Flicts*, da obra de Ziraldo, pelo Grupo de Teatro Ená Iomerê, surgido naquele ano e formado por alunos do Colégio Diocesano de Caruaru, sob direção da atriz e educadora Maria Alves. Em Arcoverde, há registro da montagem de *O Pequenino Grão de Areia*, musical de João Falcão, com direção de Geraldo Barros, pela Equipe Teatral de Arcoverde (Etearc) – Grupo Novo Horizonte. Também foi lançado *O Sonho e Eu*, texto de Geraldo Cosmo, com direção

O Sonho e Eu



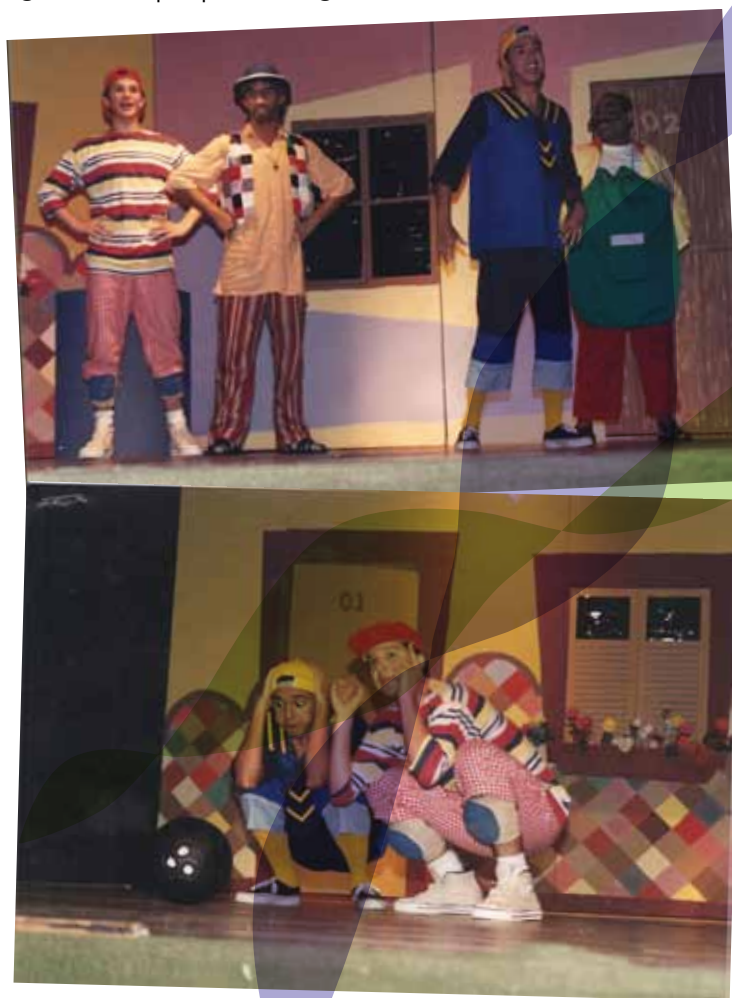
de Josenildo José, pelo elenco do Grupo Teatral Risadinha, da cidade de Camaragibe, na Região Metropolitana do Recife, que pôde ser visto na casa de shows Capibaribe Show. E no município do Paulista, ainda foi montado *Os Saltimbancos*, musical de Chico Buarque de Holanda, com direção de Leandro Mariz, especialmente produzido para circular por escolas da rede particular de ensino através do Projeto Passeio Cultural.

Como nota triste, em setembro de 1994, uma perda grande para a classe artística foi a morte do bonequeiro Nilson de Moura, um dos fundadores do grupo Mamulengo Só-Riso, vítima da Aids. Em 1995, o recuo do empresariado nos possíveis patrocínios, a queda de qualidade nos espetáculos e o afastamento do público foram questões apontadas pela imprensa ao final daquele ano, um período de extrema crise para o teatro no Recife, ainda que tenha sido o da 1ª edição do Janeiro de Grandes Espetáculos, um dos eventos mais importantes para as artes cênicas em Pernambuco. Realizado pela Fundação de Cultura Cidade do Recife, com o seu criador Romildo Moreira à frente, o projeto foi pensado para aproveitar o público em período de férias na cidade. Na programação de dezesseis montagens, apenas duas voltadas às plateias de todas as idades, *Arlequim*, da Remo Produções Artísticas, e *A Dança dos Bonecos*, do Grupo Gestus, ambas do Recife. Nas matérias retrospectivas

A Dança dos Bonecos



dos jornais ao final daquele ano, o teatro para crianças sequer foi citado, como se a deficiência das poucas montagens que estiveram em cartaz fosse tanta que nem merecessem ser lembradas. Ainda assim, *O Bolero de Raquel*, produção voltada ao público adolescente, e *A Dança dos Bonecos*, na linguagem do teatro de bonecos, ganharam pequenos registros.



As Travessuras de Charles

No total, menos de vinte produções para crianças puderam ser vistas na capital pernambucana em 1995, algumas estreadas anos antes. Parte delas preferiu apostar no sucesso de personagens da Disney, de desenhos animados clássicos ou de programas da TV, mas, na maioria dos casos, o tiro para atrair público saiu pela culatra! Foi o caso de *As Travessuras de Charles* (e não Chaves, para evitar problemas com o direito autoral), realização da Portugal Produções, que baseou-se na série cômica da televisão me-

xicana dos anos 1970, *Chaves*, exibida até hoje no Brasil, na qual um garoto pobre convive com crianças de uma vila suburbana e quase sempre apresenta problemas com os adultos. Manoel Constantino assinava a adaptação da obra e direção, que contou com trilha sonora e direção musical de Allan Sales. No elenco, Thiago Dinis (o protagonista Charles), Bobby Mergulhão, Fabiana Karla, George Demétrios, Cibele Teles, Taveira Júnior e Tatiana Azevedo. A peça permaneceu pouquíssimo tempo em cartaz no Teatro Barreto Júnior, mas fez várias sessões para escolas, seu objetivo principal.



As Aventuras de Popeye

*As Aventuras de Popeye*, com texto e direção de Hélio Rodrigues, tinha Pedro Dias na pele do marinheiro clássico dos quadrinhos que come espinafre para ganhar força e, assim, salvar sua amada Olívia Palito (a atriz Daise Gomes) das garras do inimigo Brutus (o ator Rui Costa). Ainda no elenco, Benício Donato, Dayse Machado e Magno Augusto. As coreografias foram criações de Raimundo Branco. Também permaneceu um tempo diminuto em cartaz no Teatro Apolo. *Oliver*, com texto e direção de Antônio Nogueira e realização da Cômica Produções Artísticas, foi adaptado do desenho animado da Disney, *Oliver e Seus Companheiros*, que por sua vez é ba-



Oliver

seado no livro *Oliver Twist*, de Charles Dickens. Mostrava a trajetória de um gatinho órfão que vive nas ruas de Nova York e acaba amigo de uma matilha de cães vagabundos que rouba objetos. Ficou em cartaz por algumas semanas no Teatro Barreto Júnior. No elenco, Carmen Alves, Daniela Câmara, Freedom Cavalcanti, Mércia Gina, Luiz Lima, Felipe Andrade, Salomé Nunes e Ivan Almeida.

Claramente inspirado pela peça *A Bruxinha Que Era Boa*, de Maria Clara Machado, o diretor, produtor e empresário Antônio Bernardi retomou sua peça *Gruilly na Terra das Bruxas*, um



Gruilly na Terra das Bruxas

dos maiores sucessos de público da temporada teatral para a infância em 1995, confirmando o tino comercial de suas produções. No Teatro Valdemar de Oliveira, a meninada deliciava-se com os efeitos especiais em cena, reunindo bruxas e duendes numa trama sobre o que é ser bom ou mal. Naquele mesmo palco, para sessões fechadas às escolas, a Companhia do Sol apresentou *A Gata Borracheira*, mais um texto e direção de Paulo André Guimarães, com Mônica Vilarim no papel principal, além de Paulo de Pontes, Edílson Rygaard, Joelma Alves, Fabiana



A Gata Borracheira

Karla, Inaldo Oliveira e Ivan Leite, entre outros atores. Já no pequenino Teatro do Horto, a Paulo de Castro Produções Artísticas continuou a atrair um público mais popular à peça *O Bosque do Coração do Brasil*, em atividade desde 1992.

O curioso é que o ano prometia bons espetáculos em cena após um 1994 considerado “in-

osso” por alguns jornalistas. *Avoar*, de Vladimir Capella, voltou ao cartaz com quase o mesmo elenco dirigido por José Manoel, retomando um de seus mais elogiados trabalhos para a infância. Ou seja, quase dez anos depois, Paulo de Pontes, Carlos Lira, Célio Pontes, Flávio Santos, Ivone Cordeiro, Kátia Ribeiro, Otacílio Júnior e Rudimar Constâncio voltaram a experimentar brincadeiras de criança em cena, com temporada aos domingos pela manhã no Teatro de Santa Isabel (saudosas temporadas matinais), agora com a Portugal Produções à frente. Dois únicos atores não puderam aceitar o convite, Hamilton Figueiredo e Cira Ramos, que foi substituída pela atriz cabense Josete Mendonça.

*A Menina Que Queria Dançar* foi uma das estreias do ano, realização do Haja Teatro em parceria com a Luiz Freire Produções Artísticas. O texto de Marcelino Freire, que lançou a atriz Patrícia França em sua estreia em 1986, ainda sob direção de Ilza Cavalcanti, passou por modificações e, desta vez, veio sob direção da dupla José Brito e Vanise Souza. A temporada aconteceu no palco do Teatro José Carlos Cavalcanti Borges e quem protagonizou foi Alexandra Barros, descoberta no elenco do Grupo de Teatro da Casa de Passagem, no espetáculo *O Bolero de Raquel*, dirigido por José Mário Austregésilo. Ainda como atores, Carlos Alberto, Helena Tenderini, Vanise Souza,



A Menina Que Queria Dançar



O Bolero de Raquel

Fátima Pontes e Roberto Vasconcelos. Com foco na juventude, o espetáculo *O Bolero de Raquel* ganhou destaque no *Jornal do Commercio* (2 de abril de 1995), em matéria assinada por Maria Nina Calado:

Desde que recebeu convite para criar um grupo de teatro com as meninas da Casa de Passagem, o teatrólogo José Mário Austregésilo pensou em fazer algo amorosamente. O resultado desse exercício de crença no ser humano é a peça "O Bolero de Raquel". A Casa de Passagem é uma entidade que trabalha com adolescentes de baixa renda, que buscam sobreviver nas ruas. Nesse contexto o fazer teatral vai de encontro ao sonho de várias das meninas e serve como um meio lúdico da expressão de sua luta. O trabalho estava previsto para ser realizado em quatro aulas divididas em exercícios

de voz e corpo e se prolongou por um ano. Austregésilo descobriu que muitas das meninas dançavam e sabiam cantar. Tomando como ponto de partida essas duas habilidades, estabeleceu-se um processo criativo dos mais ricos. Algumas lembraram de poemas que haviam aprendido na escola, outras timidamente iniciaram um bailado e o encenador buscou um fio condutor que ligasse essa performance. "Pensei em contar a história de uma garota que chega do interior, fugindo da miséria e encontra outra, que já vive nas ruas. Desse contato surgem temas como drogas, sexualidade, medo e os inevitáveis preconceitos de gênero", declara José Mário.

Também em 1995, Antônio Bernardi voltou com novo sucesso infantil, batendo recordes de público. *O Galo Jackson II – Brilhando em Hollywood*, texto seu, ficou em cartaz no Teatro Valdemar de Oliveira. A trama acompanhava a chegada do galinho cantor à terra do cinema, com mais brilho ainda na sua vertiginosa carreira, mas, no entanto, esquecendo das amizades verdadeiras. A direção era de Carlos Carvalho. No elenco, Otacílio Júnior, Adelson Dornellas



O Galo Jackson II – Brilhando em Hollywood





Alice no País das Maravilhas

e Joelma Alves, entre outros. Outras realizações do ano foram *Dança Meu Boi*, também de Carlos Carvalho; *Depende de Nós*, com texto e direção de Beto Xavier, baseado no Estatuto da Criança e do Adolescente; e *Alice no País das Maravilhas*, de Antônio Nogueira, mais uma vez voltando-se a clássicos da Disney, ainda que baseado em obra do escritor Lewis Carroll. A direção deste último trabalho ficou a cargo de Clenira Bezerra de Melo, pela Showlândia Produções Artísticas. A atriz Mônica

Vilarim – praticamente especialista nas personagens clássicas – vivia a protagonista. Também há registros do Grupo Moagem, de Olinda, que chegou a apresentar *O Meu Boi Criança*, com direção de Fernando Albuquerque; e a estreada Kactos Companhia de Artes – Projeto Literatura e Teatro, com a peça *Prezinho, Meu Boneco Querido*. Em meio a tanta produção, com problemas diversos, o Teatro de Santa Isabel foi fechado pela Prefeitura do Recife para uma reforma que durou sete anos. Enquanto isso, o Teatro do Parque foi se deteriorando, esquecido pela municipalidade.



O Meu Boi Criança

Na Casa da Cultura, o Teatro de Bonecos Lobatinho cumpriu temporada com o projeto Bonecos às Sextas, promovendo sessões às 15 e 18 horas. Ainda estiveram em cartaz, a retomada de *Peter Pan*, da Lumiart Produções, com direção de Manoel Constantino; *O Príncipe e o Mendigo*, da Companhia do Sol, texto de Paulo André Guimarães que ganhou diversas outras versões nos anos seguintes, com direção do próprio; *A Gata Borralheira*, também da Companhia do Sol, mas voltada apenas para escolas; e *Pirlimpimpim – A História do Sítio do Pica-Pau Amarelo*, adaptação de Antônio Nogueira, com produção e direção de Cristiano Lins, tendo como atores Alda Lucena, Fabiana Karla, Tatiana Azevedo, Vinícius Coutinho, Fernanda Rodrigues Paula Francinete, Taidênio Lopes (Tay Lopez) e Francisco Yohan.



Pirlimpimpim – A História do Sítio do Pica-Pau Amarelo

Após desentendimento grave da produção com parte do elenco, **participaram ainda Melani Rodrigues, Leno Pereira, Viviane Belanger e Francis de Souza.**

Curiosamente, esta última montagem, totalmente calcada no programa da TV Globo, estreou pouco antes de uma outra peça inspirada nos escritos de Monteiro Lobato, mas sem qualquer referência à produção televisiva. Pelo contrário. E foi a mais elogiada pela imprensa em 1995, coincidentemente, a estreia profissional desde que vos escreve. Infelizmente, por uma certa acomodação do público em aceitar histórias em versões diferenciadas da TV, *Memórias da Emília* cumpriu curtas temporadas no Recife, inicialmente no Teatro Apolo e, em seguida, no Teatro Barreto Júnior, aos sábados e domingos, às 16h30, com o produtor Pedro Portugal no comando. Ivana Moura, no *Diário de Pernambuco* (29 de junho de 1995), teceu o seguinte comentário:

É uma extrema alegria reencontrar os personagens do paulista de Taubaté tão cheios de vida, tão bem delineados em sua criação. A encenação traz um ritmo dessas peraltices das crianças, (...) numa montagem que zela pelo respeito à inteligência, sensibilidade do público infanto-juvenil. As soluções cênicas encontradas permitem um



Memórias da Emília

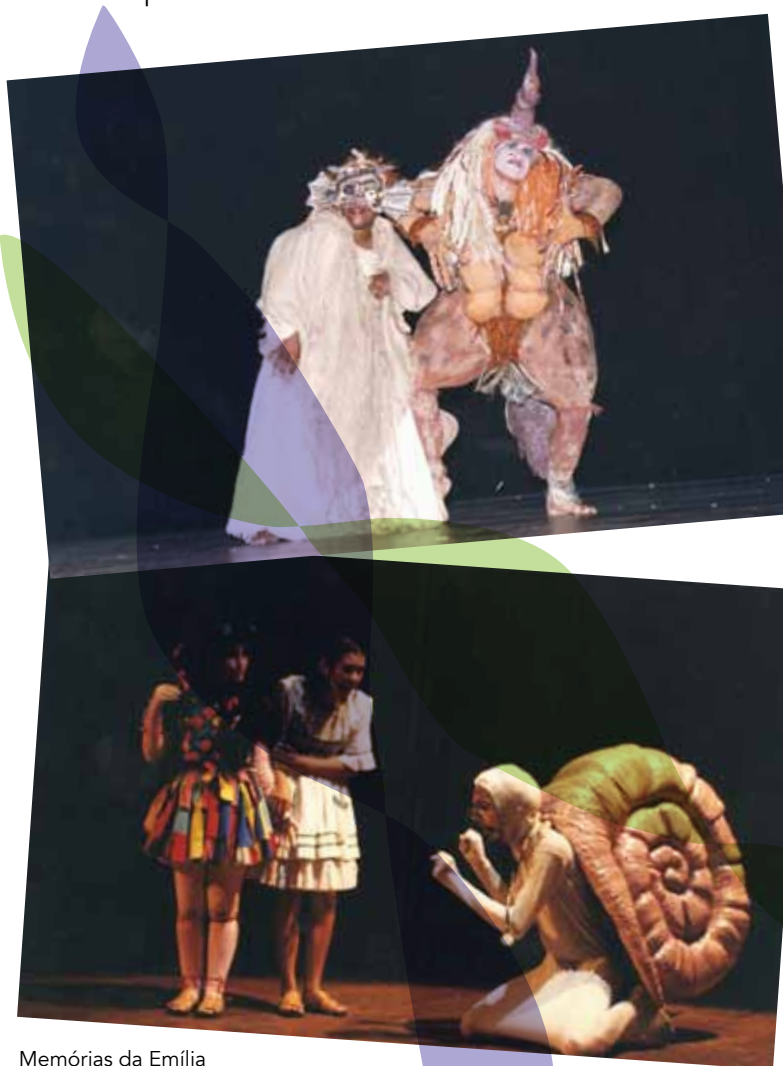


jogo lúcido de pura sedução. O diretor mistura a interpretação dos atores com teatro de animação (como nas cenas do Saci e do peixinho), e boneco gigante, nas cenas do Tio Barnabé, chegando a um resultado satisfatório. (...) Os cenários e adereços são de Célio Pontes e Luiz Felipe Botelho. A trilha sonora original, de Allan Salles, mostra que Lobato é sempre recriável, sem se prender à cristalização dos meios de comunicação de massa. E os figurinos, além de bonitos, são funcionais e criativos. Os bonecos, execução de figurinos da Cuca, Major Agarra, Doutor Caramujo e Marquês de Rabicó são de Fábio Caio e Uziel Lima. O elenco está bem afinado e é bom registrar nomes: Marilena Ramos (que divide o papel com Sandra Rino, com uma Emília que vem das entranhas de Lobato), Célio Pontes (Rabicó), Leidson Ferraz (uma performance bem personalizada do Visconde), Ivone Cordeiro (que faz uma tia Anastácia com expressões dos passos do candomblé e saúda os orixás), Terezinha Guedes (meiga Dona Benta), Cibele Jácome (uma Narizinho cheia de vontades), Adriano Cabral (um Pedrinho corajoso, mas sem querer ser super-herói) e Zuleica Ferreira (uma Cuca, engraçada, maldosa, rabugenta e no fundo encantadora). É para se experimentar uma “felicidade clandestina», como já ensinou a escritora Clarice Lispector em seu livro de contos homônimos e carregar bem viva esta lembrança.

No elenco estavam também, em revezamento de atores, Chico Domingos e Cristina Siqueira. O espetáculo suscitou tantos elogios, que ganhou nova crítica (algo raríssimo no teatro para a infância do Recife), desta vez no *Jornal do*

*Commercio* (25 de maio de 1995), escrita pelo jornalista João Luiz Vieira:

Saber contar uma história é a principal função de um diretor de teatro. Luiz Felipe Botelho conseguiu em “Memórias da Emília” (...) uma das mais felizes adaptações da obra do contista Monteiro Lobato. Botelho foi o mais fiel possível aos originais “O Saci” e “Reinações de Narizinho”. (...) queria fugir ao máximo da famosa versão televisiva, mesmo correndo os riscos de uma rejeição do público. Dona Benta, por exemplo, é bem magrinha, a Cuca não é uma jacarua (o figurino é esplêndido, um misto de bruxa, escorpião, cavalo e aranha) e nem os retalhos de Emília são parecidos com o que foi mostrado na série de TV. A trilha



Memórias da Emília

sonora do espetáculo é original, o que é raro por aqui, e a iniciativa sempre vale aplauso. (...) O ritmo da cena mantém-se equilibrado por quase todo o tempo, e o mérito vai em grande parte para o elenco. Brilhantes em cena, Leidson Ferraz como o Doutor Caramujo; Zuleica Ferreira como a vilã Cuca; e Cibelle Jácome como Narizinho. Mas, é preciso frisar: não pense em ver um espetáculo maneirista, cheio de invenciones. É de uma simplicidade comovedora, onde as boas idéias funcionam a favor daquela velha e sempre boa história.

Diante de tantos elogios, a resposta de público poderia ter sido bem melhor, mas não foi. A peça ainda pôde ser vista no Festival de Inverno de Garanhuns. Já no município do Paulista, a Cia. de Teatro Paulista produziu mais uma peça infantil, *O Cavalinho de Chifre*, com texto e direção de Leandro Mariz, que permaneceu em temporada de março a maio de 1995, no Teatro do Sesc, no bairro de Santo Amaro, no Recife; e, em Caruaru, Arary Marrocos dirigiu *A Menina Que Perdeu o Gato Enquanto Dançava Um Frevo Na Terça-Feira de Carnaval*, de Marcos Rocha Apolinário Santana, com adaptação de Argemiro Pascoal, pelo Teatro Experimental de Arte (TEA). No segmento adulto, aquele foi o ano de estreia de peças no Recife como *Os Biombos*, pela Cia. Teatro de Seraphim; *Sóror Mariana, Uma Paixão*, do Grupo de Teatro Luiz Marinho; *A Estrada*, pelo Teatro de Amadores de Pernambuco; *Beckett in White*, da Cia. Skeptiko's de Teatro, com direção de Geovan Sabino; e do projeto *Trilogia da Miséria Humana*, com três obras de Adriano Marcena: *As Grávidas*, *Os Leprosos* e *Os Cristãos*. Também voltaram para novas temporadas *Salto Alto*, *Malassombro*, *Mamãe Não Pode Saber*, *Bar das Ilusões* e *Auto da Compadecida*.

O ano de 1996 começou fraco nas opções de teatro para crianças no Recife, mas foi engati-

lhando um número grande de produções que ultrapassou mais de trinta peças produzidas. Proliferaram-se, então, os espaços para resenhas críticas nos jornais, mas, infelizmente, a "fuga do público" foi lembrada sempre. Tudo começou com a 2ª edição do projeto Janeiro de Grandes Espetáculos, opção para o público apreciar teatro e dança durante as férias. Na programação, o Teatro Apolo recebeu peças para a infância: *Hipopocaré*, *o Rei da Galhofa* (que mais à frente cumpriu temporada no Teatro Barreto Júnior, com verba de divulgação da Fundação de Cultura Cidade do Recife e possibilidade de sessões extras às quartas e sextas-feiras para escolas) e *O Bosque do Coração do Brasil*, ambas da Paulo de Castro Produções; *A Menina Que Queria Dançar*, do Haja Teatro (que ganhou pauta de temporada no próprio Teatro Apolo, dentro do mesmo projeto de apoio da Fundação de Cultura Cidade do Recife e com possibilidade de sessões para escolas); além de *As Travessuras de Charles*, da Portugal Produções. Ivana Moura, em matéria no *Diário de Pernambuco* (4 de janeiro de 1996), criticou as escolhas:

A inclusão das montagens infanto-juvenis no projeto deve-se a uma concessão política orientada pela própria Fundação de Cultura Cidade do Recife, realizadora do programa. Já que, como se sabe, os espetáculos para este público específico não chegam a uma excelência para entrar num

O Bosque do Coração do Brasil



projeto que se dê o nome de “Grandes Espetáculos”. “Hipopocaré” é um musical que busca discutir preconceitos e outros valores da vida, a partir do amor entre um jacaré e uma hipopótama. A peça é bem produzida. Já com mais de 600 apresentações, em quatro anos de cartaz, o musical ecológico “O Bosque no Coração do Brasil” [O Bosque do Coração do Brasil] discute a necessidade de preservar a natureza. O sonho de uma menina que sonha em ser bailarina é o fio condutor da peça “A Menina Que Queria Dançar”. Escrita por Marcelino Freire, quando ele tinha 14 anos (hoje ele tem o dobro), a peça marca a estréia de José Brito na direção. O outro espetáculo da facção juvenil chama-se “As Aventuras de Charles” [As Travessuras de Charles] e é baseado num programa de televisão.

Paralelamente ao Janeiro de Grandes Espetáculos, a Feteape promoveu a 4ª edição do projeto Todos Verão Teatro – evento criado dois anos antes daquele –, com programação durante todo o mês, no Teatro Barreto Júnior, abrindo espaço, inclusive, para a produção do interior do estado. Foram convidadas como infantis, *O Dono do Mundo*, *O Dono de Nada*, da Maktub Produções, com texto de Cláudia Medeiros e direção de Normando Roberto Santos, tendo no elenco Adriana Muniz, Franciscleide de Souza, Gustavo Falcão, Ubiratan Cavalcante e Zacarias Gouveia (Zácaras Garcia); *O Meu Boi Criança*, com direção de Fernando Albuquerque; *O Rei Solimão* e

O Dono do Mundo, o Dono de Nada



a *Rainha de Jabá*, texto de João Argemiro da Silva, com direção de Max Almeida e realização do Grupo Produarte, numa versão bem humorada da clássica história do Rei Salomão e a Rainha de Sabá; além de *O Baile do Menino Deus*, de Ronaldo Correia de Brito e Assis Lima, montagem do Teatro Experimental de Arte (TEA), da cidade de Caruaru, com trinta crianças e adolescentes no elenco, sob direção de Arary Marrocos. Foi a partir de 1996 que Romualdo Freitas assumiu a presidência da Feteape.

Em fevereiro, outras montagens continuaram em cartaz. Como *Viagem ao Reino de João Redondo*, comédia infanto juvenil escrita e dirigida por Paulo Ferreira e encenada pelo Grupo Gente Nossa, que esteve em temporada no Circo Popular do Recife, localizado no Sítio Trindade, a preços bem simbólicos. A trama mostrava marinheiros em viagem para uma ilha desconhecida, participando de inúmeras aventuras. *Bumba-Meu-Boi do Capitão Boca Mole*, a história de uma festa em homenagem ao Santo Rei do Oriente envolvendo várias personagens convidadas, com texto adaptado e dirigido por Laércio Júnior, cumpriu temporada no Teatro Bonecartes, no bairro do Janga, espaço dedicado às marionetes, inclusive com cursos programados. **Entre os atores-manipuladores, destaque para o garoto Lucas, de apenas cinco anos.** Já *O Bosque no Coração do Brasil*, da Paulo de Castro Produções, comemorou mais de três anos de sucesso no Teatro do Horto.

Também com produção de Paulo de Castro, entrou em cartaz, no Teatro Valdemar de Oliveira, a 3ª adaptação para cena do texto de Antônio Ginho, *Hipopocaré*, *o Rei da Galhofa*, com direção de Carlos Carvalho, um enorme sucesso de bilheteria. No palco, a história de uma hipopótama que se apaixona por um jacaré e tem um engraçado filhote. **O elenco contou com diversos atores em revezamento, Ivonete Melo, Buarque de Aquino, Célio Pontes, Ana Cláudia Wangues-**



wlândia Produções Artísticas. No elenco, Luziene Feitosa, Ana Paula, Gilson de Paula, Hugo Regatiery, Giana Varshavisk e Nilson Muniz. A história de Alice que, sonhando, cai num jardim encantado conhecendo um coelho falante, incluía brincadeiras com a plateia que recebia até certificado de participação.



No mesmo teatro, esteve em cartaz, um grande sucesso de público, *O Rei Leão e o Ciclo da Vida*, adaptação de Gustavo Macel (Gugga Macel) a partir do filme de Walt Disney, sob direção de Roberto Costa. A produção era de Antônio Bernardi. No elenco, Bobby Mergulhão, Zuleika Ferreira, Joelma Alves, André Trinidad, Taidênio Lopes (Tay Lopez), Adelson Dornellas, Ricardo Mourão, Alberto Brigadeiro e Elaine Kauffman, entre outros. No palco, a história do Rei Leão Mufasa e seu pequeno filho Simba, vítima da inveja do próprio tio que ambiciona o reino. A peça ganhou elogios rasgados do crítico João Luiz Vieira no *Jornal do Commercio* (25 de abril de 1996), sob o título “Um Disney emocionado”:



Hipopocaré, o Rei da Galhofa

tel, Mário Antônio Miranda, Taidênio Lopes (Tay Lopez), Samuel Santos, Emanuel David D’Lúcard, Cláudia Pontes, Gheuza Sena, Taveira Júnior, Luciana Cavalcanti (Luciana Canti) e Flávio Renovatto, entre outros. O ano de 1996 marcou ainda o lançamento do espetáculo *Mundo do Terror*, que aterrorizou milhares de pessoas no Shopping Guararapes, entre crianças e adultos. Já no Teatro Valdemar de Oliveira, quem cumpriu temporada foi a peça *O Reino Mágico de Alice*, adaptação livre do conto de Lewis Carroll, com direção de José Cordeiro e realização da Sho-

Já virou um lugar-comum dizer que as montagens teatrais que buscam reproduzir os longa-metragens dos estúdios Disney não conseguem repetir, com a mesma eficiência, o sucesso do qual inspiram. Pecam exatamente pela tentativa de imitação. As linguagens são díspares e os recursos visuais que o Cinema dispõe só são acompanhados pela Broadway, mesmo assim, por algumas produções. Portanto é sempre muito arriscado sair de casa para assistir a um espetáculo de teatro pernambucano “baseado num longa-metragem da Disney”. Mas você não se arrepende de assistir a “O Rei Leão”, em cartaz no Teatro Valdemar de Oliveira. As montagens anteriores de filmes baseados em Disney foram apenas razoáveis (“A Pequena Sereia”/94 foi a que chegou mais perto do



O Rei Leão e o  
Ciclo da Vida

ótimo) e a melhor idéia partiu mesmo da Portugal Produções, que, aproveitando-se do sucesso da releitura de "A Bela e a Fera" no cinema, contratou o diretor Felipe Botelho para adaptar o texto original e não a versão cinematográfica. A favor do ator Gustavo Maciel está o fato de que "O Rei Leão" não tem uma versão literária. Foi especialmente concebido para virar filme, portanto Gustavo teve de decupar o próprio roteiro cinematográfico. Seu maior pecado foi cortar algumas das melhores piadas do filme: os irônicos diálogos das hienas. De qualquer maneira, a bela história de

amor entre o pai e filho continua a emocionar por sua sinceridade. Beto Costa construiu um espetáculo plasticamente bonito, mas ele sai prejudicado quando, inevitavelmente, compara-se com a versão do cinema. Impossível não lembrar da antológica cena da manada de gnus que, no teatro, foi reproduzida em telão e por uma marcação de cena sem o menor impacto. (...) Mas Beto soube dar ritmo ao seu espetáculo. É uma encenação alegre e emocionada. Os figurinos são funcionais, assim como a maquiagem que define, com clareza, os personagens da trama. O elenco está bastante equilibrado, com destaque absoluto para Ricardo Mourão (perfeito como o vilão Scar), Alberto Brigadeiro (detalhista em suas expressões faciais como o rei Mufasa) e Joelma Alves (a mãe de Simba). Não é a mesma coisa que no cinema, mas pode ser uma boa diversão para as tardes do seu final de semana.

Ainda no Teatro Valdemar de Oliveira, com sessões fechadas para educandários, a Companhia do Sol produziu dois novos espetáculos, *Era Uma Vez, Eram Duas, Eram Três...*, com **Joelma Alves, Paulo de Pontes, André de França, André Trinidad, Fabiana Karla e Mônica Vilarim no elenco, entre outros intérpretes**; e *A Guerra dos*



Era Uma Vez,  
Eram Duas,  
Eram Três...



A Guerra dos Planetas

*Planetas*, com Bobby Mergulhão, Paulo de Pontes, Mônica Vilarim, Fabiana Karla, João Batista e André de França. As duas realizações tinham texto e direção de Paulo André Guimarães. No Teatro José Carlos Cavalcanti Borges, na Fundaj, permaneceu em cartaz *Romeu e Julieta*, adaptação de Rubem Rocha Filho a partir da clássica história de amor trágico de Shakespeare, com direção de José Francisco Filho, pela 3ª vez trazendo uma encenação da mesma obra. No elenco, Gustavo Falcão, Andrêzza Alves, Marco Camarotti, Wellington Menezes, Ivan Soares, Maria de Jesus Baccarelli, Conceição Camarotti e Evandro Campelo, entre outros. Os figurinos eram assinados por Bernardo Dimenstein. O jornalista João Luiz Vieira escreveu crítica com alguns senões no *Jornal do Commercio* (18 de abril de 1996):


O diferencial dessa montagem é o fato de o adaptador ter eliminado o caráter trágico da versão original, onde os dois pombinhos filhos únicos de famílias arquiinimigas morrem pela impossibilidade de viverem seu grande e imperecível amor. (...) Rubem Rocha Filho segue até perto desse clímax, mas desvia da tragicidade, impede que suas personagens morram, faz as pazes entre as duas famílias e todos terminam a peça felizes para sempre. O espetáculo é isso. Uma alegria só. Até nos momentos de conflito entre a mãe de Romeu e

o pai de Julieta, as marcas são direcionadas para o cômico ou mesmo para o pastelão. Um recurso que serve para amenizar o conteúdo excessivamente dramático do texto original. Afinal, estamos falando de um espetáculo para crianças. A encenação é simples, defende o maniqueísmo e o amor absoluto, acima até do dinheiro, já que o pai de Julieta, na versão de Rocha Filho, reclama mais da pobreza de Romeu que das desavenças familiares em si. A cenografia é eficiente (armações em ferro), mas os adereços e os figurinos óbvios e pouco criativos, dando ma impressão de reaproveitamento. O elenco reúne figuras tarimbadas do teatro local que são apenas corretos em



Romeu e Julieta





suas atuações. Destaque para a novata Andrêza Alves (Julieta), Conceição Camarotti (mãe de Romeu) e Maria de Jesus Bacarelli (ama). O maior pecado de José Francisco Filho foi remontar espetáculo e aproveitar a mesma trilha sonora de dez anos atrás. Além de mal gravada, é um despropósito obrigar Maria de Jesus Bacarelli a cantar por cima da voz pré-gravada de Júlia Lemos, que fazia a mesma personagem na montagem anterior. E isso acontece com, praticamente, todo o elenco.

Com a continuidade das sessões de *Avoar*, desde 1995 voltando à cena, a montagem foi avaliada por João Luiz Vieira no *Jornal do Comercio* (25 de abril de 1996), com seus prós e contras:

Como todo mundo já percebeu, a criança de hoje é muito mais inteligente esperta e sacana que a gurizada das décadas passadas. Pais, educadores e principalmente dramaturgos ainda não estão sabendo lidar com essa nova realidade e a gama de informações herdadas dos meios de comunicação de massa, cada vez mais incisivos e explícitos em suas abordagens. A re- apresentação de “Avoar” até o final deste mês no Teatro de Santa Isabel evidencia esse distanciamento. É o público adulto que acaba se identificando com o espetáculo, que faz um resgate das antigas brincadeiras e cantigas de roda. O autor Vladimir Capella, o Naum Alves de Souza dos teens, desenvolveu um texto simples, poético e, por vezes emocionante. Sua preocupação era exatamente a de preservar os códigos da infância menos violenta e, hoje, mais glamourizada. A infância que ele talvez você tenham vivido. Mas que

seu filho, seu sobrinho ou seu afilhado não têm mais acesso. A velocidade do tempo matou a cabra-cega, atirou o pau no gato, extinguiu a língua do P e do I, brigou com o cravo, brigou com a rosa. Pouca coisa restou atropelada pelos condomínios e largas avenidas. Isso não menospreza o trabalho de Capella, apenas reforça a idéia de que seu texto vai perdendo, ano a ano, a função de entretenimento e vem se transformando em objeto de estudo antropológico. Ficou datado. José Manoel já havia se encantado pelo texto na década passada e o montou em 1987 com enorme sucesso de público. (...) Manoel deve estar preocupado com a perda da poesia e da força centrífuga que vem movendo a humanidade desde a Revolução Industrial. “Avoar” celebra exatamente isso e esse sentimento foi comprado por toda a sua equipe. Poucas vezes se viu um elenco tão harmonioso em cena (...) Apesar de oito anos mais velhos, interpretam adolescentes com muita dignidade. (...) mas seria bom dar uma revisada na cenografia e no figurino. Essa história de “ser o mais simples possível” não pode ser confundida com pobreza de idéia. É o que acontece. Por ser concebido há quase dez anos, bem que merecia uma revisada de concepção. O maior valor do espetáculo continua sendo a elaborada composição musical de André Filho, num de seus primeiros trabalhos para teatro. É a principal personagem do espetáculo. Sem a sua força dramática “Avoar” não existiria.

No bairro de Salgadinho, em Olinda, no Espaço Cultural José de Barros Lins, dentro de uma instituição espírita, foi apresentado *Lutas do Coração*, texto e direção de Everson Melquíades, adapta-

ção do livro de Roque Jacinto, com produção do Grupo Teatral A Escola do Mestre, sem confirmação deste espetáculo ser realmente direcionado ao público infanto juvenil, ainda que ocupando o horário da tarde. Em Petrolina, surgiu *Chapeuzinho Vermelho*, montagem duradoura do Teatro Popular de Arte (TPA), a partir do texto de Maria Clara Machado, com direção de Auxiliadora Araújo e Domingos Soares; e, em Caruaru, *As Aventuras do Capitão Flúor no Reino do Dente Cariado*, de Luiz Marinho, pelo Grupo de Teatro Ená Iomerê, formado por alunos do Colégio Diocesano de Caruaru, sob direção de Maria Alves.

Também há registros das peças *O Baile do Menino Deus*, pelo Centro Cultural Brasília, um dos braços do Balé Popular do Recife, com espetáculo misto de teatro e dança; *O Segredo da Arca de Trancoso*, de Luiz Felipe Botelho, com direção do próprio, pelo Curso Regular de Teatro do Sesc de Santo Amaro; *Maria Minhoca*, pelo Grupo Teatral Risadinha, da cidade de Camaragibe, com mais apresentações no Recife pela ausência de uma casa de espetáculos naquela cidade; e *Aladim e a Lâmpada Maravilhosa*, da Roberto Costa Produções, com adaptação e direção do próprio. Na retrospectiva do

Aladim e a Lâmpada Maravilhosa



ano, João Luiz Vieira, no *Jornal do Commercio* (26 de dezembro de 1996), destacou:

Roberto Costa respondeu pelas duas melhores adaptações de longas-metragens de Walt Disney do ano: “Rei Leão” e “Aladim e a Lâmpada Maravilhosa”, ótimo programa para crianças e também para adultos.

*As Borboletas de Naim*, do Grupo Gente Nossa, foi outro lançamento de 1996, assim como *Menina Margarida*, da Foco III do Coliseu, de Olinda, com texto e direção de Izaltino Caetano, que chegou a cumprir temporada patrocinada pelas pilhas Rayovac no Espaço Cultural José de Barros Lins, um anexo ao Centro Espírita Alan Kardec, no bairro de Salgadinho, em Olinda. No elenco desta última, Vinícius Coutinho, Ubiratan Pereira, Leno Pereira, Thadeu Sobreira, Telma Cunha (substituídos, respectivamente, por Alexandro Alves, Emmanuel David D’Lúcard e Dayse Xavier) e Ladjane Seven. Fruto da parceria entre a Remo Produções Artísticas e a Mambembe Produções, o musical *A Canção de Assis*, sobre um menino pobre que recorre a São Francisco de Assis para encontrar seu amigo, o burrinho Jeremias, foi outra estreia que ganhou crítica elogiosa no *Jornal do Commercio* (29 de agosto de 1996) pelo olhar de João Luiz Vieira. Ele a recomendou, ainda que com senões:

“A Canção de Assis” – Teatro Barreto Júnior, sábados e domingos, 16h30 – é um dos melhores espetáculos infantis que estrearam este ano no Recife. A montagem recupera o lúdico, a poesia e a delicadeza da narrativa teatral, associada a um ritmo extremamente ágil. A direção é de Carlos Carvalho, produção da Remo e Mambembe. A peça é armada como se fosse repertório de uma companhia mambembe medieval. A trupe conta a história de um garoto



A Canção de Assis

que é discriminado por todos a seu redor e é até expulso da casa onde morava com a tia. Na rua da amargura se depara com um burro, igualmente posto de lado por ser muito fraco para serviços pesados, e torna-se seu grande amigo. O autor, Júlio Fischer, discute aqui o respeito aos diferentes, aos que fogem às regras do óbvio e do massificado. Ora a dupla está acuada por não ter respaldo junto a seus iguais ora é apontada como exótica para, assim, ser inserida em picadeiros ou coisas do gênero. O desfecho é religioso, aponta a fé como o melhor caminho para a verdade e uma vida mais feliz. É quando a dupla depara com a figura de Francisco, um frei que dedica boa parte de seu tempo no amparo aos humildes, animais e crianças. A peça não é panfletária ou discussiva, mas apresenta um certo moralismo em seu epílogo, quando o autor escorrega no tom e traça juízos de valor absolutos. Até aí, o tema é tratado com leveza e sua indução é

garantida por esse fator de encaminhamento. Carlos Carvalho é um dos mais cuidadosos diretores do elenco e de cena em exercício na cidade, com saldo positivo de encenações, com destaque para "Arlequim" (no campo infantil) (...) Sua preocupação com o detalhe e a construção dos personagens é um de seus traços característicos. Para "A Canção de Assis", Carvalho foi fiel ao timing dos cômicos mambembes (...) A um quê de farsa e de distanciamento que permeia toda a montagem. A direção de arte e a trilha sonora também respeitam o período em que a peça se situa. Do elenco, quem se destaca é César Negro, como Francisco. Os demais dificultam o entendimento da peça com uma colocação de voz acima do tom e perto da histeria.

No elenco, Carlos Lira, Cláudia Pontes, Flávio Renovatto, César Negro (César Nigro), Cida Duarte, Tatiana Azevedo, Manuel Carlos, Teka Miranda e Taveira Júnior. Lançando sua 1ª montagem na linguagem infanto juvenil, a Cia. Teatro de Seraaphim, liderada pelo diretor Antonio Cadengue, preparou *Menino Minotauro*, texto de Luiz Felipe Botelho que discute a adolescência através da amizade de um garoto e um ser fantástico, e a interferência dos adultos no seu mundo. No elenco, Rodrigo Campos, André Filho, Anamaria Sobral, Claudio Lira, Vanise Souza, Nino Fernandes, Cybele Jácome, Maria Onice, Márcia Cruz, Janine Aroucha, Saturnino Araújo e Betho Silva (como ator substituto, Marcus Vinícius). A peça cumpriu temporada no Teatro Barreto Júnior e foi vista, também, no Festival de Inverno de Campina Grande (PB). Sucinto, o crítico João Luiz Vieira apenas pontuou no *Jornal do Commercio* (26 de dezembro de 1996): "Um exemplo de correção". Já a Brinc'art produziu *Canteiros*, musical de Romildo Moreira; a Estrela de Ouro Artística fez *Um Reino Muito Louco*; a Cristiano Lins Produções

voltou com o seu *Os Saltimbancos*; e o diretor Antônio Ivo (Ivo Barreto) trouxe ao palco do Teatro do Sesc o texto de Rosiane Soasil, *O Sonho de Aninha*, pela Soasil Produções. A direção musical era de Josias Gouveia.

Os Saltimbancos



Outra peça que entrou em cartaz foi *Ave, Guriatã!*, no Teatro Barreto Júnior, texto adaptado por Robson Telles do original de Marcus Accioly, sob direção de Max Almeida, numa realização da Refletores Produções. Este grande poema para crianças abordava recordações de infância em um engenho e a relação com a natureza e a morte através do pássaro encantado Guriatã. No livro *Memórias da Cena Pernambucana – 04* (op. cit., p. 198), o diretor Max Almeida reafirmou sua escolha:

Eu que tive a idéia de montar esse texto de Marcus Accioly, cujo título origi-

nal é “Guriatã, um cordel para menino”, quando percebi que muita gente era apaixonada por ele. O livro é altamente recomendável como leitura para crianças e adolescentes pela Academia Brasileira de letras e, conversando com Robson Telles (...) discutimos uma versão possível e ele ficou responsável por transpor para o palco essa história que mostra, de forma bastante poética, a vida de dois meninos de engenho em meio a uma série de credices populares.

Com estreia também em 1996, *No Mundo da Criação* foi resultado de uma oficina de dramaturgia sob orientação do professor Paulo Michelotto com alunos do curso de Artes Cênicas da UFPE. A peça marcou o lançamento da dramaturga Ana Elizabeth Japiá, artista com atenção especial à linguagem do teatro para a infância. No elenco da Companhia Atos de Teatro, Marcelo Valente, Márcia Cruz, Paula Francinete, Adriana Aquino, Elanne Medeiros, Ellyne Peixoto, Fernando Silvestre, Gerardo Moura, Kika, Maria Onice Esteves e Rafaela Lamenha. A crítica Ivana Moura, no *Diário de Pernambuco* (11



No Mundo da Criação





No Mundo da Criação

de junho de 1996), destacou a montagem:

“No Mundo da Criação” realiza um desejo alimentado de se ver no palco uma montagem para crianças que respeite seu público. É uma surpresa agradável quando conferimos a intensidade na comunicação com a platéia. No pequeno Teatro Joaquim Cardozo (rua Benfca, 157), aos sábados, às 16h30 até o final do mês, acontece uma espécie de milagre do encontro. Profundo e terno, como só a arte da encenação pode provocar. Há uma comunhão entre atores e seu público mirim. A peça é baseada nos poemas da garota Mykaela Plotkin, reunidos em dois livros “Casa da Poesia” e “Os Passos dos que Falam” (que ela escreveu quando tinha quatro anos, agora está com nove). “No Mundo da Criação” é a primeira montagem da Companhia Atos de Teatro, que desenvolve um trabalho de pesquisa da linguagem infantil. Num dos seus poemas, Mikaela enfoca um tempo/espaço antes da vida na terra. Ela nomeia esse lugar de país das sementes, por onde todos devem ter passado. O espetáculo, com texto de Ana Elisabeth (sic) Japiá Mota, transforma as indagações desse Mundo da Criação, em ateliê. O Pintor, que pode ser entendido como Deus, vai criando as cores, a partir da

matéria-prima do arco-íris, que de suas torneiras despejam novos elementos. Cada cor é única e ganha vida a partir do sopro do Pintor. A encenação consegue criar um tempo próprio desse mundo abordado. Que não está nem no passado nem no futuro. Mas, remete para outra dimensão. A trama está centrada nas indagações do sentido da vida. (...) O espetáculo infantil “No Mundo da Criação” toca no ponto nevrálgico, de maneira leve, suave e pertinente, como um carinho. Principalmente, dá um tratamento privilegiado à mente e sensibilidade infantis. É tudo muito simples e desprezioso, e talvez resida aí a sua grandeza.

Outro elogiado diretor que retornou às encenações para crianças foi José Manoel, com a peça infantil juvenil *O Pequeno Príncipe*, a convite da Portugal Produções, numa adaptação da obra de Antoine Saint-Exupéry por **Érico José, com o próprio no papel de protagonista, além dos atores Cláudio Siqueira, Didha Pereira, Leidson Ferraz, Rejane Melo, Sandra Rino, Paula Francinete e participação dos músicos Hugo Leonardo (violão e percussão) e Marcela Lamour (flauta e percussão), mais à frente substituídos por Demétrio Rangel e Ana Kézia (Zuleika Ferreira fez**

O Pequeno Príncipe

